



Notícias

Órgão da Associação Brasileira de Psicanálise

Ano VIII Nº24 Rio de Janeiro Novembro/2004

carta do editor

Adalberto A. Goulart

Ainda ontem eu falava com Inês por telefone e ela me contava da sua imensa saudade de Robson... Quis compartilhar, quis contar também um pouquinho da minha saudade, da nossa viva saudade...

Este está sendo um ano particularmente difícil para todos nós. Perdemos colegas, amigos extremamente preciosos. Afetivamente preciosos. Profissionalmente preciosos. Psicanaliticamente. Carlos Edson Duarte (SPRJ), George Lederman (SPR) e recentemente Robson Cabral de Mendonça (SPR/NPM). Seriedade, dignidade, delicadeza, sabedoria, foram muitos os ensinamentos que Robson deixou e que permanecem ainda mais vivos em cada um de nós que tivemos o privilégio de desfrutar da sua convivência. Crizales Rezende (SPR/NPM), com muita propriedade, escreve a Homenagem nas páginas deste ABP NOTÍCIAS e assim, devagarinho como precisa ser, vamos desenvolvendo a "gestação" do nosso luto. Com a responsabilidade maior de praticarmos e difundirmos a psicanálise que Carlos, George e Robson tão bem souberam nos transmitir.

Já nos preparamos para os dois grandes eventos que movimentarão o nosso universo psicanalítico em 2005.

De 28 a 31 de julho, na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil estará recebendo pela primeira vez o Congresso da Associação Psicanalítica Internacional. O 44º. IPAC trará como tema o TRAUMA, com Novos Desenvolvimentos em Psicanálise e reunirá toda a comunidade psicanalítica internacional, num grande encontro científico, aberto a todos os interessados, que está sendo preparado com empenho e dedicação para que seja, nas palavras do Presidente atual, Daniel Widlöcher, "um Congresso notável – interativo, avançado, com múltiplos pontos de vista, assegurando um diálogo vivo entre os analistas das mais variadas tendências". Importante lembrar que as inscrições realizadas até o dia 31 de dezembro terão taxa especial e poderão ser parceladas através de cartão de crédito.

Já em novembro/2005, entre os dias 11 e 14, a ABP estará promovendo o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Brasília-DF. O tema central, já definido, será PODER, SOFRIMENTO PSÍQUICO E CONTEMPORANEIDADE, dos mais importantes e atuais.

Maior prêmio editorial brasileiro, a psicanálise conquistou, pelas mãos de Maria Olympia França (SBPSP), o Prêmio Jabuti pelo livro "Freud: A Cultura Judaica e a Modernidade". Parabéns a Maria Olympia (organizadora) e também a todos os autores convidados que compõem o livro editado pelo SENAC.

O PERFIL desta edição, realizado pela Associação Psicanalítica Rio 3, traz como entrevistado o Dr. Waldemar Zusman. Um dos expoentes da psicanálise brasileira, foi por duas vezes vice-presidente da IPA para a América Latina, é Guest Member da Sociedade Britânica de Psicanálise e um dos fundadores da Rio 3.

"Maria Helena Junqueira (SBPRJ), numa entrevista bastante atual, nos fala sobre o medo e a violência que assolam os nossos dias".

Oswaldo José de Freitas Milward (SPRJ) nos oferece um belíssimo trabalho que toma como referência um conto de Machado de Assis: "Sobre O Espelho" e associações com um caso clínico.

"Saber & Saber" é o título do texto de Célia Maria B. de Lima (Candidata da SBPSP), num vivo depoimento sobre o Encontro Internacional BION 2004, ocorrido em São Paulo em julho passado.

"Herança de Dona Virginia" quem escreve é Antonio de Moraes Jardim (Candidato da SBPSP). Ele nos fala sobre a influência de Virginia Bicudo, via Brasília, no Núcleo de Psicanálise de Goiânia.

Os Candidatos estão também presentes através de sua representante maior, Susana Muszkat (Candidata da SBPSP), Presidente Eleita da IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization) no texto intitulado "A Representação-Força dos Candidatos".

Notícias e Programação das federadas e a Agenda Científica, com eventos nacionais e internacionais completam a edição.

Aproveitamos para parabenizar a nova Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto e desejar-lhes muito sucesso!

Até breve e boa leitura!

Psicanálise recebe Prêmio Jabuti

Pela primeira vez na história, um livro sobre Psicanálise levou o mais tradicional prêmio literário do país, o Jabuti. Com a premiação de "Freud: a cultura judaica e a modernidade", a categoria "Educação e Psicologia" foi ampliada para "Educação, Psicologia e Psicanálise". A organizadora do livro, Maria Olympia França, falou ao ABP Notícias sobre esta conquista inédita da Psicanálise. Ela destacou a importância dos colaboradores Alberto Dines e Guillermo Bigliani e da equipe responsável pelo ciclo de conferências que aconteceu durante a exposição "Freud e Judaísmo" pelo sucesso da obra. (Pág. 16)

O medo atravessa séculos

O medo que atualmente toma conta da vida das pessoas é analisado pela psicanalista da SBPRJ e professora da Escola de Comunicação da UFRJ, Maria Helena Junqueira. Para ela a generalização da cultura do terror é um risco "pois o mundo está em crescente tensão". (Pág. 5)

A Psicanálise na literatura machadiana

No artigo "O Espelho" e associações com um caso clínico", o psicanalista Oswaldo José de Freitas Milward discute a relação mãe-bêbê e a formação do self presentes no famoso conto de Machado de Assis. Para Milward, o conto é "uma leitura essencial para todos os interessados em compreender a complexidade humana". Ele afirma que "O Espelho" faz de Machado de Assis um precursor da Psicanálise e que, "sem ser pretensioso, poderia muito bem ter colocado como subtítulo "esboço da psicanálise". Usando o conto como pano de fundo, Milward também conta sua experiência com um paciente que, assim como o protagonista de "O Espelho", precisava do olhar alheio para conseguir formar uma imagem de si próprio. (Pág. 14)

Presidente eleita da IPSO avalia papel da entidade no meio psicanalítico

A presidente eleita da IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization), Susana Muszkat, destaca a importância da organização em seu artigo "IPSO – a representação-força dos candidatos". A entidade é a correspondente da IPA (International Psychoanalytical Association) no nível dos candidatos, representando todos os analistas em formação no mundo. De acordo com Suzana, os candidatos que fazem parte da IPSO formam uma rede com outras culturas e outros Institutos de formação. "É muito interessante poder constatar as semelhanças entre nós e, mais ainda, verificar o quanto as diferenças culturais estão presentes no nosso trabalho cotidiano", afirma a presidente eleita. (Pág. 8)

A contribuição de Zusman para o avanço da Psicanálise

Fundador da Associação Psicanalítica Rio 3 e duas vezes vice-presidente da IPA, o psicanalista Waldemar Zusman é um exemplo de determinação. Embora proveniente de uma família extremamente religiosa, ele não se conformou com a explicação teocêntrica do mundo que recebia em casa e buscou outras respostas para as questões que o inquietavam. Em meio a esta busca incansável, Zusman se apaixonou pela Psicanálise ainda na adolescência, numa época em que a ciência de Freud dava seus primeiros passos no país. De acordo com Zusman, foi a leitura de "Para compreender Freud", de Gomez Nerea, que o fez optar pela carreira na psicanálise. "Surpreso e encantado com as idéias que ali estavam, e testando em mim mesmo a teoria da "Interpretação dos Sonhos", decidi naquele instante que eu me tornaria um Psicanalista", conta Zusman. (Pág. 3)



Do 3º Congresso da IPA, realizado em Weimar, Alemanha, em 1911, à sua 44ª edição, no Rio de Janeiro, em 2005.

Apoio:



Casa do Psicólogo®

Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.
Rua Mourato Coelho, 1059 – Vila Madalena – CEP 05417-011 – São Paulo/SP – Brasil – Fone: (11) 3034.3600 – Site: www.casadopsicologo.com.br

Conselho Diretor**Presidente** – Carlos Gari Faria**Secretário** – Pedro Gomes**Tesoureiro** – Regina Lúcia Braga Mota**Diretor do Conselho Científico** – Cláudio Rossi**Diretor do Conselho Profissional** – Mário Lúcio Alves Baptista**Diretor do Deptº de Publicações e Divulgação** – Adalberto Antônio Goulart**Diretor da Comissão de Relações Exteriores** – Maria Eliana Mello Helsing**Diretor Superintendente** – Maria de San Tiago Dantas Quental**Secretária Administrativa** – Lúcia Lustosa Boggiss**Deptº. de Publicações e Divulgação****Editor da Revista Brasileira de Psicanálise** João Baptista França**Editores Associados**

Sandra Maria Gonçalves

Delegados

Márcio de Freitas Giovannetti

Ana Maria Andrade de Azevedo

Vera Márcia Ramos

Carlos Roberto Saba

Wilson Amendoeira

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Raul Hartke

Jair Rodrigues Escobar

Telma Gomes de Barros Cavalcanti

Humberto Vicente de Araújo

Bruno Salésio da Silva Francisco

José Francisco Rotta Pereira

Newton M. Aronis

Leonardo A. Francischelli

José Cesário Francisco Júnior

Pedro Paulo de Azevedo Ortolan

Regina Lúcia Braga Mota

Sylvain Nahum Levy

Leila Tannous Guimarães

Miriam Cátia Codorniz

Neilton Dias da Silva

Cláudio Tavares Cals de Oliveira

Sheiva Campos Nunes Rocha

Sergio Antonio Cyrino da Costa

Conselho Científico

Ana Rita Nuti Pontes

Áurea Maria Lowenkron

Fernando Linei Kunzler

Hemerson Ari Mendes

José Otávio Fagundes

Magda Sousa Passos

Márcia Câmara

Maria Aparecida Duarte Barbosa

Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório

Ruggero Levy

Sérgio Cyrino da Costa

Waldemar Zusman

Conselho Profissional

Alfredo Menotti Colucci

Letícia Tavares Neves

Jair Rodrigues Escobar

Eduardo Afonso Júnior

José Luiz Meurer

Sylvain Nahum Levy

José Alberto Florenzano

Jacques Zimmermann

Leila Tannous Guimarães

Vera Lúcia Costa de Paula Antunes

Comissão de Psicanálise e Cultura

Leopold Nosek (Coordenador)

Comissão de Psicanálise da Criança e do Adolescente

Rute Stein Maltz (Coordenadora)

Comissão de Psicanálise e Pesquisa

Theodor Lowenkron (Coordenador)

Comissão de Psicanálise e a Universidade

Sérgio de Freitas Cunha (Coordenador)

Comissão de Documentação, Comunicação e Internet

Rosa Maria Carvalho Reis (Coordenadora)

Comissão de Ligação com Entidades Médicas

Jair Rodrigues Escobar (Coordenador)

Comissão de Ligação com a Psicologia

Inúbia Duarte (Coordenadora)

Comissão de Difusão da Psicanálise

Maria Olympia França (Coordenadora)

Comissão de Estudos sobre Formação Psicanalítica

Suad Haddad de Andrade (Coordenadora)

Comissão de Núcleos filiados à ABP

Regiões: Norte, Nordeste e Sudeste até Rio de Janeiro

José Fernando de Santana Barros (Coordenador)

Regiões: Sudeste a partir de São Paulo, Sul e Centro Oeste

Romualdo Romanowski (Coordenador)

Edição

JLS Comunicação & Associados

Editores:

José Luiz Sombra

Paula Fiorito

Repórteres:

Cláudia Merquior

Letícia Motta

Raphael Zarko

Editoração:

Renata Vieira Nunes

Fotolito e Impressão:

Casa do Psicólogo (11) 3034 3600

Endereço: Av. N.Sª. de Copacabana, 540/704

Cep: 22020-000 Rio de Janeiro

Tel/Fax: (21) 2235 5922

e-mail: abp@rionet.com.br

Home page: www.abp.org.br

Coluna do presidente



Carlos Gari Faria

Estamos a um ano do nosso próximo Congresso Brasileiro, que acontecerá de 11 a 14 de novembro de 2005. Este será o vigésimo e também o primeiro a se realizar em Brasília: nosso congresso brasileiro na capital federal.

A reunião do Conselho Científico - coordenado pelo dr. Cláudio Rossi e composto pelos representantes científicos de todas as sociedades e do grupo de estudos, que juntos, compõem a ABP - realizou-se em Brasília dia 10 de julho. Desta reunião, com um nível rico em participação, dentro de um clima vivo e por extensão criativo, nasceu a proposta para o tema oficial do congresso: **Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade**.

Trata-se de uma abordagem com uma abrangência que permite transitar desde o mais fundo no inconsciente, ou antes ainda, em suas origens no somático, até o mais aparente na realidade exterior atual com a complexidade de suas características, muitas vezes surpreendentes, provocando impactos, tanto num sentido positivo como em seu sentido oposto, o da destruição.

É um espaço que permite aprofundar sobre o atemporal dos fenômenos inconscientes, nosso trabalho de todos os dias, e a partir daí, também estender um olhar sobre o atual dos dias em que vivemos, conduzindo através deles a psicanálise como um recurso que está a serviço da vida.

Há então a abordar o poder de forças internas pelas quais a princípio "somos vividos" e a partir delas, em condições mínimas favoráveis, nos construímos como sujeito psíquico investido de um sentimento de identidade própria.

Há, dentro disto também, o fracasso na construção do psiquismo - esta estrutura magnífica que vai se criando num espaço interno intermediário entre o corpo biológico e os objetos da realidade externa - quando ficam "vazios" ou "buracos" onde a força pulsional desenfreada, por falta de representações continentais, esvai-se de volta ao próprio corpo lesionando este; ou derrama-se para fora, tumultuando, desfi-

gurando ou pervertendo as relações objetais; o que se configura nas várias formas de patologias graves que encontramos na contemporaneidade.

Existe também o poder da repressão, com suas defesas auxiliares, como um recurso estruturante que reforça o interno, facilita a discriminação entre self e objeto e não exclui a sublimação, este poder mais elevado que é propriedade do ser humano. A repressão entretanto, quando se impõe como um poder excessivo, limita a percepção, restringe a capacidade de sentir, empobrecendo a qualidade das relações objetais aprisionadas em perturbações de nível neurótico.

O sofrimento psíquico, em seus diferentes níveis de origem, serve em sua função principal como um sinal de alerta para desencadear defesas ou buscar recurso terapêutico. Em outro extremo pode manter-se como tributo pago por um ego submetido a algum outro poder interno (do id ou do superego). Este sofrimento pode ser também, imposto ao sujeito a partir de outra vertente, por poderes externos que o transformam em objeto de uma agressão alheia e alienante.

O poder externo emerge também, em suas diferentes qualidades e configurações, como um capítulo do tema do congresso. O poder como potência criativa que leva ao conhecimento, expande a cultura, efetiva-se em ações que, pautadas pela ética, criam um clima de confiança o que reforça a auto estima. E um outro tipo de "poder" que se restringe como um fim em si mesmo, como expressão de um narcisismo mais de morte do que de vida. Disfarça-se em meias verdades, ancora-se em pseudo-criatividades e é mais voltado para parecer do que para ser.

São todos fenômenos que interessam a psicanálise, são objeto de nosso estudo e trabalho e que como parte da realidade, a interna e a externa, nos estimulam a estudar, discutir, compreender e sempre que possível tratar.

Inquietação e determinação marcam presença de Zusman na psicanálise



Waldemar Zusman e sua mulher Lina

Desde muito cedo, o psicanalista Waldemar Zusman já mostrava a inquietação e a determinação que o transformaram em um dos mais importantes contribuidores para o avanço do movimento psicanalítico no Brasil. Embora proveniente de uma família que encontrava na religião as razões e explicações do mundo (os pais de Zusman eram judeus e haviam imigrado de uma região da Palestina que hoje faz parte de Israel), ele buscou outras respostas para as questões que o angustiavam. Foi em meio a esta busca incansável que, ainda na adolescência, Zusman se apaixonou pela psicanálise.

1. Como surgiu o seu interesse pela Psicanálise?

WZ - Tudo o que o meu pai queria era que eu fosse religioso como ele, mas eu tinha uma fome de conhecimento e de investigação que não me deixava ficar contente com respostas do tipo : 'é porque Deus quer'. Além de não poder acreditar, eu sentia uma revolta pela imposição do que hoje sei ser uma 'concepção de mundo', que eu não aceitava. Foi aí que, não tendo nenhum outro preceptor e querendo saber o que era esta vida que nos tocava viver, resolvi procurar a resposta nos livros. Como comecei a trabalhar muito cedo, com o dinheiro que ganhava per-

corria os 'sebos' (livrarias de livros usados) e adquiria publicações escolhidas pelos títulos que mais me instigavam. Foi assim que, aos dezessete anos, morando no Rio de Janeiro, deparei-me com um exemplar do livro 'Para compreender Freud', escrito por Gomez Nerea, divulgador da obra do criador da Psicanálise. Surpreso e encantado com as idéias que ali estavam, e testando em mim mesmo a teoria da "Interpretação dos Sonhos", decidi naquele instante que eu me tornaria um Psicanalista.

2. Este projeto "dormiu na gaveta" por longo tempo, não foi?

WZ - Bem Longo. Meu pai estava envelhecendo e a loja não ia muito bem. Eu achei, então, que teria de dar um jeito em minha vida. Pedi transferência para o período noturno no colégio onde terminaria meu curso secundário e consegui um emprego num escritório comercial. Depois fui operador de rádio-teletipo no Ministério da Aeronáutica e, em seguida, revisor no Diário Trabalhista. Em seguida, comecei a trabalhar na publicidade do jornal Última Hora, passando a fazer reportagens um pouco depois. Eu fiz tudo o que pude: morava perto da minha casa um senhor, amigo da família, que era dono da Hora Israelita, um programa que ia ao ar aos domingos, em Niterói. Eu me candidatei e ganhei um lugar de locutor. Paralelamente, entrei em cursinho de preparação para o vestibular da Faculdade de Medicina, onde eu esperava encontrar as bases para uma formação psicanalítica.

3. A psicanálise virou um destino?

WZ - Acho que sim. Um destino ou uma obsessão, quem sabe?

Quando terminei o 1º ano da Faculdade, meus pais viajaram de volta para Israel. Eles ficaram se sentindo mal de me deixar sozinho no Rio. Insistiram para que eu fosse para a Bahia, porque lá morava um tio. Fui,

então, para Salvador e lá fiz o 2º ano de medicina.

Consegui um emprego de Locutor na Radio Excelsior, que ficava no caminho entre minha casa e a Faculdade, e comecei também a vender livros de medicina no Diretório dos Estudantes a serviço da Editora Guanabara. Juntei dinheiro e no fim do ano voltei para o Rio, onde consegui um emprego no SESI e postulei um lugar na Casa do Estudante de Medicina, que ficava atrás da Faculdade. Lá, morei até o 4º ano do curso médico, que era quando começava a Cadeira de Psiquiatria, sediada no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB). Houve um concurso para Internos do IPUB, no qual logo me inscrevi. Passei e fui, em seguida, morar na residência do IPUB, onde vivi por sete anos enquanto trabalhava como plantonista do Hospital de Psiquiatria do Instituto. Ao me formar, passei a Auxiliar de Ensino da Cadeira, e pouco depois me tornei Perito Psiquiatra do Manicômio Judiciário Heitor Carrilho.

Por Indicação do Prof. Mauricio de Medeiros fui ainda, por alguns anos, examinador da Seleção Psicológica de candidatos ao Instituto Rio Branco, no Itamaraty – órgão do Ministério do Exterior.

4. E a atividade privada?

WZ - Esta se iniciou pouco depois. Junto com os colegas Adolfo Hoirish, Portella Nunnes e Rawlinson Lemos, fundei uma clínica "open door" para tratamentos biológicos. Servia para pacientes que precisavam de ECT ou de Insulina etc, sem internação. Alugamos uma casa na Rua Marquês de Olinda e ali montamos a Clínica Marquês de Olinda. Éramos a única instituição que aceitava pacientes não internados para tratamentos biológicos, que era o que sabíamos fazer. Eles iam para lá de manhã, onde tínhamos quartos com leitos e uma enfermagem, faziam os tratamentos e depois iam para suas casas. De tarde, tínhamos lá nossos consultórios.

A inauguração foi um sucesso. O prof. Mauricio de Medeiros, catedrático do Instituto de Psiquiatria e Ministro da Saúde, foi nos prestigiar. Fomos a primeira clínica "open door" a funcionar no Rio de Janeiro e

continuação

por uns 4 anos funcionamos regularmente naquele endereço.

5. E a psicanálise ficou esquecida ?

WZ - De forma alguma. Cada um tinha seu analista. A atividade psiquiátrica era um tempo de espera. Nossos atendimentos psiquiátricos foram gradualmente sendo substituídos por psicoterapias. Estávamos nos adestrando, fazíamos formação psicanalítica particularmente.

Quando cheguei ao 4º ano da faculdade, na Cadeira de Psiquiatria eu encontrei tudo, menos psicanálise. Encontrei a psiquiatria germânica, a psiquiatria fenomenológica: Kretshmer, Jaspers, Bleuler, Kurt Schneider, etc. Era tudo o que havia naquele tempo. Meu propósito era terminar a Faculdade e ir para Israel, re-encontrar meus pais e minha irmã Nomi, que havia imigrado com eles e se casado. Nesse meio tempo, meu pai faleceu. Terminei a Faculdade em 1953, aqui no Rio mesmo, e fui ficando.

Em 1956, chegou de Londres o prof. Décio de Souza e fez uma conferência no Serviço Nacional de Doenças Mentais, contando aspectos de sua formação analítica e exemplificando com situações clínicas o manejo de pacientes. A conferência foi um sucesso. Pouco tempo depois iniciei minha formação analítica, que terminou em 1961. Vários outros colegas do IPUB, igualmente ávidos de informação e formação analítica, deram o mesmo passo. O Instituto de Psiquiatria tornou-se um celeiro de candidatos à psicanalista. Havia o Lourival Ferreira Coimbra, o Antonio Barata, a Mara Salvini, a Anna Eliza Mercadante e muitos outros.

6. A psicanálise, aqui no Rio, começou aí?

WZ - Não, já existia. Naquele tempo, as figuras exponenciais da psicanálise eram o Kemper, o Dalheim, o Fabio Leite Lobo e a Maria Manhães. Eles fundaram a SPRJ (Rio 1). Depois, chegaram de Londres algumas pessoas que passaram lá quatro, cinco ou seis anos se analisando. Foram o Décio de Souza, que foi meu analista, o Edgard de Almeida, o Henrique Mendes, que se analisou com Eva Rosenfeld, e o Lira, que teve Paula Heiman como analista. Estes colegas se juntaram a outros que tinham feito análise em Buenos Aires: Danilo Perestrello, Maria Alzira Perestrello, Walderedo Ismael de Oliveira e Alcyon Bahia e formaram a SBPRJ (Rio 2).

Eu e os colegas do IPUB, que estávamos com o Décio, o Lira e os outros, fomos

os alunos fundadores, a primeira turma de candidatos da Rio 2. Fazíamos análise aqui e depois íamos fazer supervisão em São Paulo. Fiz supervisão com Dra. Adelaide Koch, Virginia Bicudo e Ligia Amaral.

Foi uma formação bastante sacrificada, de pioneiros mesmo, mas foi um tempo bom, que deixou saudades.

Logo após a minha formatura, o Décio passou por uma porção de transtornos e acabou incompatibilizado com muitos colegas. Algum tempo depois, morreu de câncer intestinal. A situação me afetou bastante e eu comecei a acalantar a idéia de ir para Londres fazer uma re-análise. Nesse meio tempo, conheci Lina, minha mulher, que é médica anestesista. Ela era de Recife e estava aqui no Rio fazendo

De lá para cá escrevi para jornais locais (O Globo e Jornal do Brasil), bem como para revistas científicas nacionais e estrangeiras. Criei os "Seminários Cine-Clínicos" que, mais tarde, com a ajuda do Dr. Neilton Dias da Silva, se tornaram o Fórum de Psicanálise e Cinema, que hoje é um braço da Rio 3.

Publiquei o livro "Os Filmes Que Eu Vi Com Freud", em 1994, e, no ano seguinte, participei da mesa que apresentou pela 1ª vez na IPA a interpretação psicanalítica de filmes, durante o 39º Congresso, em São Francisco. O filme era "The Conversation", de Francis Ford Coppola, e faziam parte da mesa o Prof. Emmanuel Berman, de Israel, e o Dr. Glen Gabbard, dos EE.UU. Ainda na IPA, no Congresso Internacional de

Lisboa, que financiaram os custos da tradução simultânea. Presidi o Sponsoring Committee de Rosário.

Em Linden Hall (Grã-Bretanha), 1988, fui o psicanalista convidado para apresentar um Position Paper na International Conference. A IPA faz um congresso de dois em dois anos, como é sabido, e no intervalo entre eles, faz a International Conference. Para este evento, são convidados 40 analistas do mundo e um é escolhido para fazer o Position Paper. O conceito de "Síndrome de Eitingon" procede deste meu paper, que se chamou "Our Science and Our Scientific Lives" e foi publicado na Revista de Psicoanalysis (APA) Tomo XLV, no. 6, 1988.

8. E como se deu a fundação da Rio 3?

WZ - Um grupo de mais ou menos 20 analistas se desentendeu com a direção da Rio 2 em função de uma reforma de Estatutos. Como a situação não se resolvia, fui a Nova York falar com o Otto Kernberg, recém eleito presidente da IPA. Ele me ouviu e sugeriu apresentarmos o problema em Barcelona, perante o Council, no Congresso que estava por vir. Foi o que fiz, autorizado pelo grupo. A IPA acolheu nossos pontos de vista e concordou em que formássemos uma nova sociedade, começando como Grupo de Estudos. Tornamos o Grupo de Estudos Psicanalíticos Rio 3 e, recentemente, no Congresso de Nova Orleans, passamos a Component (provisional) Society. Agora somos "A Associação Psicanalítica Rio 3".

O Grupo Rio 3 começou se reunindo na minha casa semanalmente. Vivemos com entusiasmo esta nova condição, e foi a época da elaboração dos nossos estatutos. Minha mulher, Lina, foi muitíssimo companheira ao longo de todo o episódio de nossa constituição como grupo. Foi eficiente e discreta. Ajudou a criar um clima de conforto e amizade. O grupo sempre se refere a ela com carinho.

9. Fale também de suas poesias.

WZ - Algumas estão na minha homepage, que se chama Vértice Psicanalítico (www.wzusman.com). Uma delas, chamada "Sem Memória e Sem Desejo", ganhou o primeiro prêmio num concurso de poesias – premiação que comemorei em um jantar com toda a Rio 3. Dá para ver como a psicanálise ocupa inúmeros espaços da minha vida. Se algum dia publicar um livro de poesias ele vai se chamar: "Um Psicanalista no Telhado". É óbvia a paródia.

"O Grupo Rio 3 começou se reunindo na minha casa semanalmente. Vivemos com entusiasmo esta nova condição, e foi a época da elaboração dos nossos estatutos."

uma Residência no Hospital dos Servidores do Estado. Tivemos dois filhos e ambos seguiram meus passos sem que eu os tivesse obrigado a nada. José Alberto, o mais velho, já é Analista Didata e Sergio, está terminando sua formação.

Finalmente, em 1975, iniciei minha re-análise com o dr. Hans Thorne, em Londres. Fui com toda a família e fiquei dois anos. Tornei-me Guest Member da Britânica, frequentei as reuniões científicas semanais e fiz seminários teóricos e clínicos com o pessoal do grupo kleiniano: H. Rosenfeld, Betty Joseph, Sidney Klein, Leslie Sohn, Isabel Menzies Lyth, Hana Segal e Elizabeth Spillius. Também trabalhei no Departamento de Adolescentes da Tavistock Clinic, na Marital Unit, e fui Observador de Grupo. Voltando ao Brasil, reassumi a clínica e minhas funções como didata.

Nice, em 2001, apresentei uma interpretação psicanalítica do filme "Central do Brasil", de Walter Salles.

7. Poderia nos falar um pouco sobre sua participação na IPA?

WZ - Particpei muito do trabalho na IPA. Fui por duas vezes eleito Vice-Presidente da IPA para a América Latina. Fui também Secretário para a América Latina e organizador da parte científica do Congresso de Buenos Aires em 1991, onde pela primeira vez o Português foi aceito como língua falada e traduzida. Para que isso se tornasse possível, contei com a ajuda da ABP, da FEPAL e da Sociedade Psicanalítica de

O medo atravessa séculos

Atualmente, o medo é a condição natural do ser humano. Ele avança pelo mundo, adentrando também pelo Brasil. O medo está associado à vida cotidiana dos homens, seja na política, na cultura, no trabalho, enfim, em todas as épocas e momentos da história da humanidade. A difusão desse sentimento na sociedade é analisado pela professora da Escola de Comunicação da UFRJ e psicanalista da SBPRJ Maria Helena Junqueira, em entrevista ao ABP Notícias. A psicanalista acredita ser um risco a generalização da cultura do terror pois o mundo está em crescente tensão.



Maria Helena Junqueira da SBPRJ

de existência, quando o medo está ligado ao cuidado, evitando riscos de destruição. Mas o medo por vezes atrofia, paralisa, restringindo o desenvolvimento do ser humano, sua criatividade, sua liberdade.

ABP Notícias - Será que entramos em uma nova era do medo?

Maria Helena - Entramos em uma nova fase do medo em 11 de setembro de 2001, quando se começou a fazer uso político do medo com finalidades específicas e de modo aberto. Historicamente o medo é gerenciado e serve a propósitos específicos. Não há dúvida de que assim se fomenta, se cria um inimigo. Lutar contra um inimigo comum é um forte fator de coesão social. Neste estado de coisas cria-se uma atmosfera de guerra, declarada ou não, como se houvesse a priorização da luta contra o que se teme sobre qualquer outro valor.

ABP Notícias - Qual a fronteira entre o medo e o terror do ser humano?

Maria Helena - O medo conhece o que teme, de algum modo reconhece o que é temido. Já o terror expressa uma situação mais ampla e devastadora que provoca um abalo profundo, uma insegurança insuportável que deixa as pessoas despreparadas para reagir ou se defender. De certo modo, o terror é experiência da ordem de um excesso, de um transbordamento que pode ser desorganizador.

ABP Notícias - Nos EUA, o terrorismo ganhou caráter de luta contra um adversário. De que forma isso se reflete em nossas vidas? O terror está generalizado?

Maria Helena - Há determinados objetivos políticos que, para serem alcançados, necessitam da suspensão de juízo, de adesão, o que por vezes se consegue com a guerra. A estratégia para combater o terrorismo não se transforma em outro terrorismo? Por ser muito amplo, este é um inimigo vago. Qualquer diferença pode representar uma ameaça e é perigoso dizer "quem não está comigo está contra mim". Estabelece-se uma situação de conversão, em que o padrão é um só. A diferença torna-se uma ameaça, uma inimiga.

Esta situação cria hoje para o mundo uma tensão crescente, cujo desfecho é imprevisível. Isto transcende o resultado das eleições americanas, porque o problema está criado e não encontrou solução até agora. Não sei se podemos dizer que o terror está generalizado, mas este é sem dúvida um risco. Houve há algum tempo uma reportagem no jornal que falava que os americanos estão com medo, estressados e adoecendo. Este é um reflexo penoso que atravessa suas vidas de modo definitivo.

ABP Notícias - Existem diferentes tipos de perigo e vários tipos de violência. Como classifica-los?

Maria Helena - Talvez possamos pensar que o que mais varia neste caso é a gradação,

a intensidade da violência. Alguém não ataca, não reage só quando se vê diante de um perigo. A banalidade da violência é por vezes o que horroriza. E o excesso de violência passa a ser um modo de mostrar poder, de manter os outros coagidos pelo medo. Hoje no Rio de Janeiro tornam-se cada dia mais frequentes as histórias horripilantes sobre o que pode acontecer a pessoas em poder do tráfico e os sacrifícios a que são submetidas. E não só à população das favelas; a cidade também fica refém deste poder do horror. Além disso, cabe pensar nos horrores a que podem estar sujeitos os presos do sistema carcerário, que podem ser torturados e mesmo mortos sob a tutela do Estado.

ABP Notícias - Desde quando o medo passa a fazer prisioneiros?

Maria Helena - Acabamos de referir uma situação em que ficamos prisioneiros. O medo tem algo real a que se pode temer. O horror parece mobilizar nossos medos reais e imaginários, o que leva a que se possa ficar prisioneiro daquilo que se teme e também do próprio medo. Esta é uma situação de extremo risco, pois as pessoas podem se tornar sonâmbulas, conduzidas desde fora e não por seus próprios desejos e propósitos.

ABP Notícias - No entretenimento, o medo passou a ser fonte de renda, como no caso dos livros policiais e de terror. Como a sra. explica o fato de as pessoas gastarem dinheiro e tempo para sentir medo?

ABP Notícias - O sentimento do medo é algo que impõe limites?

Maria Helena - Esta relação é interessante porque, sim, o medo impõe limites. Mas, por outro lado, o limite também provoca medo, quando aponta para a finitude, a impotência.

ABP Notícias - Quando o medo deixa de ser um sentimento positivo e passa a ser nocivo?

Maria Helena - A pergunta expressa uma pressuposição acertada de que o medo pode ser positivo. A questão então seria quando o medo é positivo? Podemos pensar que é quando está a serviço da preservação da vida, das relações, das condições

continuação

Maria Helena - Talvez isto não seja uma novidade, ainda que hoje assumam matizes especiais. Os contos de fada sempre apresentaram de modos diferenciados a maldade. A dinâmica do bem e do mal está presente na constituição dos contos de fada e, conseqüentemente, os primórdios de certos preceitos éticos. A tal ponto que muitas destas narrativas terminavam com "moral da história", em uma tentativa de estabelecer o certo e o errado a partir da conduta dos personagens. Muitos pais, ao contarem estas histórias a seus filhos, pulam certas partes da história, tentando poupá-los. Pierre Férida, psicanalista francês morto recentemente, adverte que isto é um equívoco, pois estas narrativas permitem às crianças elaborar sua própria maldade e seus medos.

Se as pessoas gastam dinheiro para sentir medo, talvez seja porque gastam dinheiro para tentar aprender a controlar o medo. O que deveríamos pensar melhor é o que fomenta esta indústria da violência levada a cabo pelo entretenimento. A quem interessa a brutalização da sensibilidade e da delicadeza? Devemos também pensar que às vezes mesmo um telejornal ou um jornal pode exercer este fascínio e horror que o espetáculo da violência nos provoca. O que provoca em nós esta força desmedida e fora de limite? Este não será um jogo perverso?

ABP Notícias - No séc. XVII, a teoria de Hobbes via o medo como um sentimento que obrigava os homens a se unir. No fundo, o medo empurrava as pessoas para a razão. Considere que as coisas estejam diferentes? Como?

Maria Helena - De certo modo podemos dizer que a teoria proposta por Hobbes no século XVII continua valendo no século XXI, mas com outra configuração, dentro de outra perspectiva política. O medo deixa o homem vulnerável e, a partir daí, ele se alia a um semelhante contra aquele que o ameaça. Mas é um fluxo paradoxal, uma cadeia sem fim. Para Hobbes o medo empurraria para a razão. Para Freud, o desamparo empurra o homem para um déspota que o guie, e vemos tristemente que por vezes isto se confirma. A teoria proposta por Freud em "Tótem e tabu" nos coloca diante desta situação paradoxal da morte do pai-tirano que, uma vez morto, recoloca a busca do tirano que salve do desamparo. O humano implica o lugar deste desamparo e desta tirania,

não pretendendo simplificar um tema absolutamente complexo.

Pensemos o homem hoje, ou melhor, pensemos o Brasil. Estamos vivendo uma crise da representação política, da delegação aos dirigentes. Já não se acredita que seremos representados ou defendidos por aqueles que elegemos. Ao mesmo tempo,



Atentado ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001

não é só de direitos que se constitui um cidadão. É também de deveres, que muitas vezes não são cumpridos. A noção de cidadão vem sucumbindo à noção de consumidor. Hoje falamos em direitos do consumidor, Procon etc. E quem não é consumidor não é cidadão?

ABP Notícias - O medo é um instrumento de tomada de decisões?

Maria Helena - O medo pode impedir ou forçar a tomada de decisões. Em cada situação isto pode assumir feições singulares. A decisão de combater ou não o tráfico de drogas hoje é extremamente complexa, necessitando longa análise, inclusive no âmbito internacional. Há um medo real em situações sabidamente delicadas e perigosas, mas quando se fica dominado pelo medo, nada muda. No caso da Guerra do Iraque, alguma reação americana era prevista, mas a reação do Presidente Bush vai além do revide. É o poderio bélico americano se mostrando ao mundo. A guerra calculada, com alvos específicos, mostrada ao vivo para o mundo horrorizado, nos moldes do que se vê em

um vídeo game. O medo pode então pressionar tomadas de posição, e é isso que continuamos assistindo.

O tratamento imposto aos prisioneiros iraquianos que chocou o mundo é a comprovação desta lógica de imposição do medo, da humilhação, da destituição da dignidade que caracteriza qualquer situação de tortura.

populações marginais. Acredita que o exercício e o sentimento de terror são maiores em relação a outros países?

Maria Helena - Sem dúvida a injustiça social no Brasil é aguda e crescente, aumentando a concentração de renda e diminuindo a taxa de emprego. Os excluídos não encontram caminhos reais de inclusão social. E isto não se alcança através de programas assistenciais, que são necessários mas provisórios. É importante a capacitação profissional e a geração de novos empregos, cada vez mais escassos. Há trabalho, mas não há emprego. Aumenta o trabalho informal, mas diminuem as chances de emprego com carteira assinada, férias, estabilidade.

A miséria é uma das formas de terror mais constrangedoras e freqüentes. Parece difícil imaginar que tantas pessoas no mundo e no Brasil morrem de fome enquanto há tanto desperdício, tanta corrupção, tanto desvio de recursos. Um prato de comida por dia pode salvar muitos seres humanos da morte. Estamos tentando lidar mais profundamente com este problema e buscando a aliança dos países ricos nesta empreitada. O futuro é que dirá se esta tentativa logrará êxito, o que seria fundamental para o mundo.

ABP Notícias - Até onde o terror generalizado é ferramenta na disputa eleitoral nos EUA após 11 de setembro?

Maria Helena - Há uma tentativa eleitoral em marcha para tentar convencer o eleitorado americano de que o único candidato capaz de conduzir a luta contra o terror é George W. Bush. O povo americano está assustado desde o ataque de 11 de setembro. Houve um ataque real evidente e um ataque simbólico ao poderio americano. Além da espetacularização da violência, quando o mundo assistiu atônito a explosão ao vivo da segunda torre, duvidando que não fosse ficção. É sempre perigosa – e a história nos confirma isto – esta tentativa de um líder de conduzir o povo como se fosse um salvador. Em um mundo globalizado, o destino de um país poderoso pode implicar o destino do mundo, dizendo respeito a todos nós.

ABP Notícias - No Brasil, destacam-se as formas de desigualdade social e as

ABP Notícias - É possível afirmar que está surgindo uma espécie de cultura do terror?

Maria Helena - Sempre está surgindo um novo modo cultural, pois o mundo não pára de mudar e as expressões destas transformações se fazem sentir na cultura. Vivemos hoje em um mundo globalizado e que tende a funcionar por blocos. Os interesses não dizem mais respeito necessariamente às nações, mas a condições econômicas, de mercado, de manutenção da hegemonia de poderes oligárquicos. Por vezes, o terror torna visíveis os horrores que sofremos e não vemos, que não entendemos. Isto não é necessariamente novo, mas assume uma dimensão nova na sociedade da informação, da internet e da comunicação instantânea.

O risco maior é que, diante dos horrores, terrores, medos e pânicos que nos cercam, nos tornemos pessoas covardes, incapazes de reagir, autômatos à disposição de quem nos queira dominar.

SABER & SABER

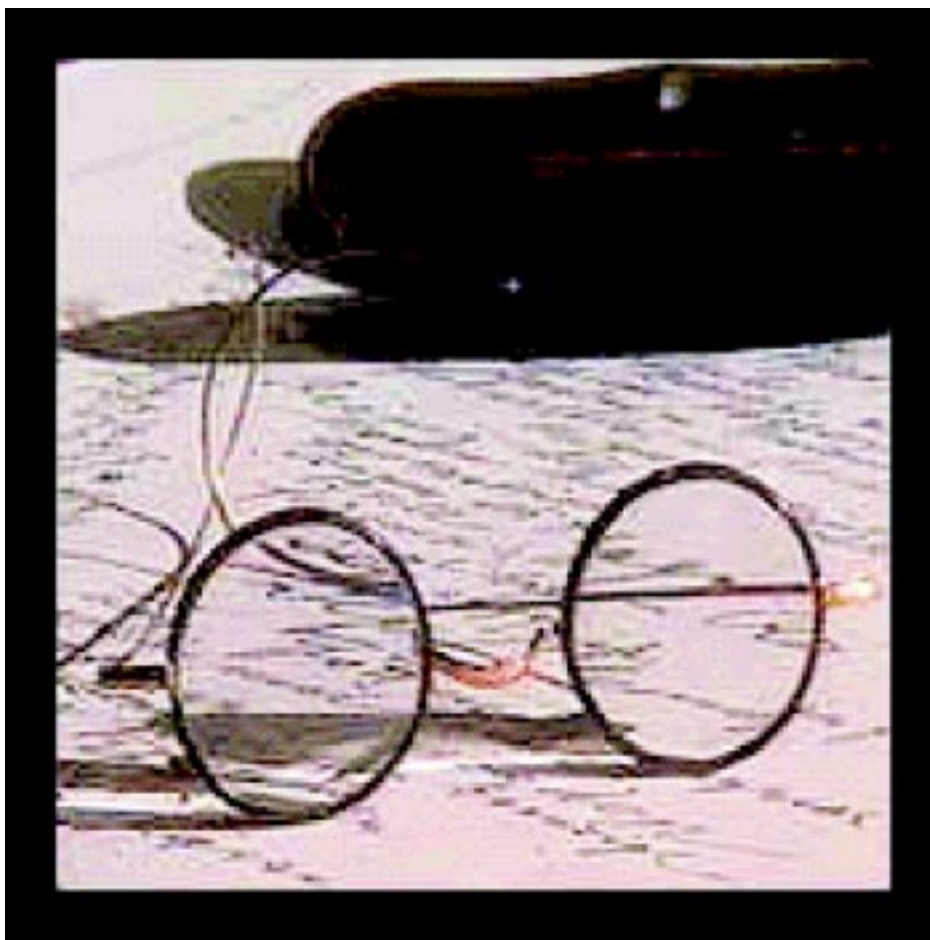
Celia Maria Blini de Lima*

Há algum tempo, preparei um trabalho, onde o tema era "Este lugar- o Espelho vivo da Alma", cuja introdução referia-se a divagações sobre o **saber**, a **sabedoria** e o **sensato**. Encontrei em minhas pesquisas duas definições dos conceitos e separei-as em dois grupos:

1. **saber** - ter conhecimento, informação, certeza de prover, ser instruído em, ter erudição, sabedoria.
2. **saber** - ter o sabor de, prudência, sensatez, discrição.

A maioria das minhas experiências em Seminários, Encontros e Congressos Nacionais ou Internacionais apontava mais para o **saber 1**. A relação se dava de forma vertical entre conferencistas e participantes, uma relação assimétrica, hierárquica, um clima mais comparativo, competitivo, às vezes até de ameaça.

No Seminário Internacional Bion 2004, pude experimentar o **saber 2**, viver a Psicanálise sentindo o **sabor** da experiência que ia e vinha da inquietação à serenidade (utilizando uma expressão-síntese desse seminário).



As relações aconteceram no plano horizontal entre conferencistas e participantes, respeitando a assimetria, numa dinâmica democrática e de respeito, num clima vivo, amoroso, fértil.

Um encontro que se pareceu com a vida. E como diz Bion: "se não se parece com a vida, não é psicanálise". E para mim foi possível perceber a harmonia entre a teoria e a técnica, entre o conhecimento e a emoção, "aprender com a experiência" e me aproximar de uma psicanálise humana. Realcei o que achei diferente e positivo, mas é claro que, depois da experiência, poderia oferecer contribuições, despretensiosamente, para aspectos que poderiam ser discutidos.

Obrigada a todos que organizaram este evento, de qualidade ímpar ao meu ver em todos os aspectos – das ofertas de conhecimento e amor às experiências emocionais.

* Candidata da SBPSP

Herança de Dona Virgínia

Antônio de Moraes Jardim*



Sempre que pude, evitei o que estou fazendo agora: publicar, expor, expressar sentimentos etc. Creio que menos por temperamento do que por dificulda-

de, já que tenho grande admiração por pessoas que se comunicam com facilidade e, por isso mesmo, tenho buscado com tenacidade desenvolver em mim esta condição.

Fiquei matutando, procurando ampliar o entendimento das mudanças que tenho observado. Nesse estado, percebi como ultimamente a imagem da Dra. Virgínia Bicudo convivia comigo através das lembranças dos proveitosos momentos que tivemos em aulas, palestras e supervisões em sua residência no Lago Sul. Recentemente, a parede do meu consultório passou a ostentar uma bela foto sua, legendada por um cartão que ela me enviou redigido de próprio punho, e que guardo como um amuleto. Assim pensando,

emocionado, dei-me conta do legado de generosidade, trabalho e conhecimento que esta senhora derramou nas gerações que foram se sucedendo. De início, Ronaldo, Tito e Humberto; depois Carlos, Jansy, Regina e Kedhy; mais recentemente Thaísa, Marcio, Luciano, Silvayn, Neto, Márcia (tão querida!) e tantos outros já da minha turma de formação ou mais jovens.

E não é que a herança de Virgínia está respingando por aqui também! Nós, do Núcleo de Psicanálise de Goiânia, fomos também contagiados, pois estamos em franca efervescência, sob a segura e competente condução de Zina Saad. Foram muitas as atividades desenvolvidas no semestre passado e tantas outras estão programadas para o próximo, com destaque para

Jornada que realizaremos em outubro.

Vale reconhecer o vital apoio que temos recebido da atual Presidente da Sociedade de Psicanálise de Brasília, Regina Mota, não só financeiro, mas através de visitas periódicas dos membros designados por esta diretoria, Silvayn, Ijucélia e Napoluceno - que com suas experiências muito têm contribuído para o crescimento do nosso grupo.

É com o sentimento muito semelhante ao de um filho, que tem orgulho de suas origens e deseja exibir aos pais suas próprias conquistas, que passo as boas novas do Núcleo de Psicanálise de Goiânia.

* Candidato da SBPSP

IPSO – a representação-força dos candidatos

* Susana Muszkat

F Em março de 2003, realizou-se o 43º Congresso Internacional de Psicanálise em Nova Orleans, EUA, cujo tema foi "Working on the Frontiers" ("Trabalhando nas Fronteiras"). Os congressos internacionais realizam-se a cada dois anos e o próximo será em 2005, no Rio de Janeiro (ótimo pra todos nós, que vamos poder comparecer em peso!).

É também por ocasião dos congressos internacionais que acontecem as eleições para as diretorias da IPA (International Psychoanalytical Association) e da IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization) - o correspondente da IPA no nível dos candidatos, que representa todos os analistas em formação no mundo

A Diretoria Executiva da IPSO segue os mesmos moldes daquela da IPA: há um president, um president-elect, quatro vice-presidents e quatro vice-presidents-elects. Há ainda um tesoureiro e um editor encarregado das publicações do IPSO Journal e do Website.

Nas últimas eleições, tive a honra de ser eleita para president-elect, o que quer dizer que passo a fazer parte da diretoria executiva da IPSO, trabalhando diretamente com o atual presidente, Bernard Keurleuber, da Alemanha, até o congresso de 2005, quando assumo o cargo integralmente até 2007.

O atual presidente da IPA é o francês Daniel Widlocher, sendo que, coincidentemente, o president-elect é também um brasileiro, Claudio Laks Eizirik, de Porto Alegre, que também assumirá integralmente no congresso do Rio de Janeiro.

Controle de afiliados

Infelizmente, ao contrário do que acontece na IPA, a IPSO não tem a exata noção de quantos são seus afiliados, já que não é uma organização de filiação obrigatória.

Atualmente, são duas as condições necessárias para sermos membros da IPSO: 1-ser candidato de um instituto de psicanálise cuja sociedade ou grupo de estudos seja filiada à IPA;

2- pagar a anuidade de associado: U\$15 anuais para EUA e Europa Ocidental e U\$10 anuais para a América Latina, Europa Oriental e alguns países da Ásia (este último valor foi estabelecido após eleição realizada no último congresso e levou em conta a situação econômica destes países).

No Brasil, embora tenhamos inúmeras Sociedades e alguns grupos de estudos já reconhecidos pela IPA, poucos somos os filiados à IPSO.

Isso se deve a diversos motivos, e aqui listo alguns:

- Há desinformação sobre o que vem a ser esta organização e quais as vantagens de se associar a ela;
- Por ser um país muito extenso, o Brasil não conta com representantes da IPSO em todos os seus institutos de formação para esclarecer as finalidades da organização, bem como servir de ponte entre seus colegas e a organização;
- Há no Brasil inúmeras associações, tais como, a Associação dos Candidatos (que é local), a Associação Brasileira dos Candidatos (ABC, que é nacional) e a Organização dos Candidatos da América Latina (OCAL), todas elas de caráter e filiação optativos;
- Cada uma destas organizações exige do candidato o pagamento de uma pequena anuidade, o que faz com que ele relute em assumir mais um compromisso financeiro.

É interessante notar que, nos EUA e na maioria dos países europeus, o candidato tem sua anuidade da IPSO paga por sua sociedade, sendo esta deduzida da própria mensalidade. Isso faz com que, ao ser aprovado para a formação, o candidato automaticamente passe a fazer parte da IPSO. Este é um ato que reconhece a necessidade e o direito do analista em formação de organizar-se enquanto categoria em nível internacional.

Outro dado interessante, é o fato de que todos os membros da IPA estão inscritos

num roster, ou seja, pode-se ter acesso ao nome, endereço, telefone e e-mail de qualquer analista que seja membro de alguma sociedade em qualquer lugar do mundo. O mesmo não acontece com os analistas em formação nos diferentes institutos: não temos como saber quem, quantos, nem de onde somos. Dependendo do tempo que levamos em formação, podemos ser inexistentes como analistas para a comunidade internacional por longos anos.

Quais as vantagens da filiação?

Há diversos motivos que penso justificarem a filiação de todos os candidatos:

- Em primeiro lugar, acredito que todos nós, quando nos interessamos em pertencer à uma sociedade filiada e reconhecida pela IPA, além de receber formação, passamos a fazer parte de uma Instituição com vinculação internacional. Formamos uma espécie de rede com outras culturas, outros Institutos de formação, o que nos dá uma dimensão muito diferente da que temos quando trocamos experiências apenas com colegas do nosso próprio país. É muito interessante poder constatar as semelhanças entre nós e, mais ainda, verificar o quanto as diferenças culturais estão presentes no nosso trabalho cotidiano;
- A IPSO conta com um jornal, que publica trabalhos de seus membros e pode ser lido por todos os candidatos no mundo, o que também nos permite uma troca muito rica de informações. Para manter um canal aberto a questões de interesse da comunidade de candidatos das mais diversas partes do mundo, a organização tem um website (www.ipso-candidates.org) e uma lista de discussão. Para acessá-la basta contatar Thomas Bartlett (ThomasABartlett@aol.com), encarregado da organização da mesma;

- A IPSO mantém contato estreito com a IPA, o que permite que nossos interesses sejam representados e ouvidos pela cúpula internacional;

- Há grupos de pesquisa sendo formados com o apoio financeiro da IPA/IPSO sobre temas de interesse para a psicanálise, uma vez que temos um representante do comitê executivo da IPSO no comitê de pesquisa da IPA;

- A IPSO organiza boa parte dos congressos internacionais, além de promover os encontros entre os candidatos e as reuniões em que se dão apresentações de trabalhos e as eleições. Durante esses encontros, acontecem também um almoço e uma festa de integração patrocinado pela própria IPSO. Já há no Rio de Janeiro um grupo encabeçado por Gabi Pszczol, representante local da IPSO, trabalhando para que nosso encontro e nossa festa sejam um sucesso;

- Na condição de president-elect e brasileira, ocupo a função de chair pela IPSO junto à comissão organizadora do congresso (IPA), visando a garantir a integração dos candidatos no congresso internacional. Já estamos trabalhando a todo vapor para garantir uma grande representatividade de apresentações de candidatos de todo o mundo. Para os interessados em enviar trabalhos ou casos para supervisão, o prazo de entrega dos mesmos é o dia 1º de novembro de 2004. Este ano, pela primeira vez o melhor trabalho receberá o prêmio de 500 dólares.

Listei aqui algumas das razões que me levaram a participar deste comitê executivo e gostaria de contar com representantes da IPSO e grupos de estudo de todo o Brasil para que nossa organização tenha cada vez mais representatividade junto à comunidade internacional. Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento e espero contar com o apoio e a adesão de todos.

*President-elect da IPSO, Instituto da SBPSP.

Robson Cabral de Mendonça

Ao Robson, com profunda gratidão.



Crisales Rezende*

A vida se inicia como o nascer do sol e sua chegada é sempre cercada de muita alegria. Termina como o crepúsculo, o sol se põe e as luzes indo embora. A morte, inexorável realidade da vida, é um processo natural, mas a sua veio cedo demais, foi como se a noite chegasse no meio da tarde.

Contemplar seu rosto expressando tranquilidade e paz, tentando nos comunicar que não havia mais sofrimento, trouxe para mim uma certa calma, capacidade para pensar, lembrar e escrever. Aliás, brincar com as letras, formar palavras e frases, construir um texto é o que consigo fazer para mitigar a falta e a saudade que estou sentindo.

Robson Cabral de Mendonça era médico psiquiatra, professor da Universidade Federal de Alagoas e psicanalista titulado pela SBPSP. Fun-

dou o Núcleo Psicanalítico de Maceió e ministrava seminários teóricos e clínicos no Núcleo Psicanalítico de Maceió e na Sociedade Psicanalítica do Recife, onde fiz minha formação analítica.

Quando ministrava seminários, deixava de lado o professor e tornava-se um mestre. Faço esta distinção porque professores existem em série.

Todo mundo pode ser professor. Ser professor é estar sempre ávido por conhecimentos, preocupado em acumular o saber. É ser objetivo, científico e naturalmente fragmentado. Procurar apenas solos férteis para semear. O mestre é diferente, mais raro. É procurar dignidade no que aprende e apreende. Selecionar o que é melhor para cada pessoa e não se distanciar do humano. É ser sábio e generoso. Crer, ter fé e semear conhecimentos, sonhos e esperança até em pedra bruta.

Para se tornar mestre é preciso ter sabedoria; e a sabedoria é a arte do discernimento. Só a possui quem se tornou uma pessoa simples - Robson era um homem simples.

Foi meu analista por longos anos. Voz mansa e acolhedora. Passos cadenciados pela cal-

ma e tranquilidade; dava-nos a impressão de que nada o abalava. Sua escuta era incomum, sempre afinadíssima, preciosa e rara era sua sensibilidade, facilitando a decifração das notas solfejadas carregadas de emoções. Grande maestro! Traduzia, com graça e beleza, as tristezas dos bemóis e as alegrias dos sustenidos tocados numa sessão de análise. Com ele, tive o privilégio de construir a minha própria sinfonia. A sinfonia da vida.

Trago para partilhar com vocês, uma lembrança alentadora de um momento inicial de minha análise, uma lembrança que foi e será sempre como uma lição de vida. Num tempo difícil, cheguei a sessão visivelmente abalada com fatos que haviam me acontecido; Robson me escutou com tranquilidade, silenciosamente. Quando me acalmei, ele falou: "vou lhe contar uma história, penso que vem da sabedoria chinesa:

Um homem numa floresta escura, com muito medo e terror corria porque ouviu o rugido de um leão. Não conseguindo enxergar por onde andava, caiu num precipício. No desespero da queda, con-

seguiu agarrar-se num galho. Ali, com o leão acima e o abismo abaixo, ele ficou. Mais calmo, olhando a parede do precipício, viu ali um morango vermelho e maduro. Estendeu o braço, colheu e comeu. O morango estava delicioso".

Terminada a história ele me falou: "Crisales, o leão já é passado, já foi. O abismo é o futuro, não caindo não há como saber. Não perca os bons momentos que a vida lhe oferece. A vida é o presente. É a única coisa que temos no momento".

Robson era assim, como dizia o poeta inglês William Blake: "uma pessoa que consegue ver o mundo num grão de areia e o céu numa flor silvestre".

Tudo o que nos ensinou com certeza sobreviverá em nossas mentes sob a forma de lembrança e de saudade. Levaremos na lembrança tudo o que de proveitoso vivenciamos, na certeza de que foi bom e valeu a pena. Até um dia, talvez numa outra realidade.

*Membro Associado da SPR/NPM



O Homem Nu

(Fernando Sabino)

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a

prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da

água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia

mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instalava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batede e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(Esta é uma das crônicas mais famosas do grande escritor mineiro Fernando Sabino. Extraída do livro de mesmo nome, Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1960, pág. 65.)

Em julho de 1999 recebeu da Academia Brasileira de Letras o maior prêmio literário do Brasil, "Machado de Assis", pelo conjunto de sua obra.

O valor do prêmio, R\$40.000,00, foi doado pelo autor a instituições destinadas a crianças carentes. O desembargador Alyrio Cavallieri, ex-juiz de menores, revelou que em 1992, todos os direitos recebidos pelo autor do polêmico livro "Zélia, uma paixão" também foram distribuídos a crianças pobres.

O escritor mineiro Fernando Sabino, 80, morreu às 13h do dia 11 de outubro, em sua casa em Ipanema (zona sul no Rio de Janeiro), vítima de câncer no fígado. Sabino completaria 81 anos no dia seguinte.



XX CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

O tema do XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, que acontecerá em Brasília-DF, de 11 a 14 de novembro de 2005 foi definido pelo Conselho Científico da ABP: "Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade".



Núcleo Psicanalítico de Maceió

No dia 09 de novembro, a presidente do Núcleo, Maria Inês Mendonça, expôs o trabalho "Psicanálise dos Contos de Fadas". Rosinete Melo apresentou, no dia 5 de outubro, o trabalho "Amor e Psicose em Uma Mente Brilhante".

No dia 27 de novembro, a psicanalista Rosinete Maria de Mendonça co-

menta o filme "Melhor Impossível". O Ciclo de Debates Psicanálise e Cinema exibiu, no dia 30 de outubro, o filme "O Caminho para Casa", que foi comentado pelo psicanalista Eduardo Afonso Jr. Já no dia 25 de setembro, o filme "Harry Potter", foi comentado pela psicóloga Jerzui Tomas.

NÚCLEO PSICANALÍTICO DE FORTALEZA

Durante os dias 7, 8 e 9 de outubro aconteceu a VI Jornada do Núcleo Psicanalítico de Fortaleza e o IV Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente, cujo tema foi "Psicossexualidade na Atualidade: Pulsão versus Objeto". O evento, realizado no Golden Tulip late Plaza Hotel, teve a conferência de abertura "Toda novidade não passa de esquecimento" proferida por Paulo Cesar Sandler (SBPSP).

Outros temas debatidos foram "A história da sexualidade", por Sidcleiton

Jucá (NPF), "O que a sexualidade tem a ver com psicanálise?", por Luís Carlos Menezes e Paulo Cesar Sandler (SBPSP), "Frigidez e Relações Objetais", por Sônia Lobo (NPF) e "Pensando sobre Romeu e Julieta", por Telma Barros (SPR).

Durante a Jornada também foi lançado o livro: "Ana Bárbara: Caminhos de um destino – ficção mitológico-psicanalítica", de Valton Miranda Leitão, com apresentação de Mario Smulever (APA/SPR).

sbp sp

No primeiro semestre do ano, a programação científica da SBPSP, girou em torno do tema "Debatendo sobre a função do analista", abordado a partir de sessões clínicas de analistas da SBPSP, com a supervisão de analistas representativos de diferentes tendências teóricas da psicanálise. Realizadas por Betty Joseph, Bion e Florence Guignard, as supervisões discuti-

ram as convergências e divergências evidentes nos comentários desses autores a partir do tema do ciclo de debates.

No decorrer do semestre, foram organizados encontros preparatórios para o "Encontro Internacional com o Pensamento de W.R.Bion", acontecido em São Paulo, no mês de julho. A SBPSP também recebeu a visita da dra. Anne Alvares, que desenvol-

veu um amplo programa de seminários clínicos e temáticos, e do dr. Mark Sohlms, que realizou conferências e seminários clínicos sobre psicanálise e neurociências.

No segundo semestre a programação teve como estímulo à resolução da IPA, tomada no último congresso, de permitir que cada sociedade decida o número de sessões nas análises didáticas. A programação científica foi elaborada visando ao aprofundamento da discussão sobre a for-

mação analítica, tendo em vista os fatores que favorecem ou não a consistência do conhecimento psicanalítico e a eficácia da nossa prática.

O tema geral, "Psicanálise-formação hoje: suas fraquezas, suas forças e suas buscas", foi discutido com base em artigos dos autores Garza-Guerrero, Michael Rustin, Ronald Britton e John Steiner, todos sobre questões inerentes ao grupo psicanalítico e à prática clínica atual.



SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO

"Um estudo clínico do narcisismo feminino" foi o tema da palestra que o dr. Walter Santa Rosa proferiu após a exibição do filme "Madame Bovary", comentado pela dra. Edna Vilete, no dia 17 de setembro. No dia 21 do mesmo mês, os drs. Henrique Honigsztein (membro efetivo e didata da SPRJ) e Auterives Maciel (Doutor em filosofia pela UFRJ e professor da UFF) apresentaram a palestra "A criação, a ética e a estética". No dia 2 de outubro, o dr. Marco Antonio Brant Saldanha (membro efetivo e didata da SPRJ) proferiu a palestra "O quarto escuro – um estudo sobre a perversão".

Já a VI Jornada Anual de Psicossomática, que aconteceu dia 16 de outubro, contou com quatro mesas redondas. A primeira delas, "Alexitimia no contexto da psicossomática", teve como apresentadores os drs. Nelson do Rosário Caldas e Eduardo Conte Póvoa, sob coordenação do dr. Walter Santa Rosa. Em seguida, a dra. Rosa M. C. Reis coordenou mesa redonda "A es-

cola francesa de psicossomática e a visão psicossomática em Winnicott", apresentada pelos drs. Admar Horn e Tânia Leão Pedrosa. Na terceira etapa do evento, o dr. Adolpho Hoirich, sob coordenação do dr. Walter Santa Rosa discutiu o tema "Cronopsiquiatria e reflexões sobre o tempo". Para fechar a jornada, o dr. Gilberto Nascimento apresentou o trabalho "Visões do adoecer psicossomático", sob coordenação da dra. Eliana Atie.

No dia 6, às 9h, o dr. Paulo F. Bittencourt Soares (membro efetivo e didata da SPPA) proferiu a palestra "Pacientes borderlines", ao lado da dra. Aída Moraes Unguier (membro convidado da SBPRJ). E, no dia 27, às 9h, haverá o lançamento da Revista Psicanalítica durante a jornada clínica da entidade. O encerramento da programação da SPRJ para o ano de 2004 fica por conta da Jornada do Instituto de Ensino, marcada para às 9h do dia 4 de dezembro.



No mês de julho, a SPR realizou o evento "Transplante e doação de órgãos – idéias que geram vidas", idealizado pelo analista didata da SPR George Lederman, falecido em junho deste ano. Através da discussão dos aspectos médicos, jurídicos, éticos, teológicos e psicanalíticos da doação de órgãos, o evento visou chamar a atenção para esta prá-

tica ainda pouco disseminada na nossa sociedade e que pode salvar vidas. Lederman foi o idealizador de uma série de ações em prol desta causa e contribuiu para o aumento significativo do número de doações em Pernambuco.

De 12 a 14 de agosto, a SPR realizou no Mar Hotel a X Jornada de Psicanálise e o VI Encontro de Psicanáli-

se da Criança e do Adolescente, cujo tema foi "Psicossexualidade – A Constituição do Sujeito Humano". O evento abordou a psicossexualidade na questão da constituição do aparelho psíquico, do sujeito humano, do desenvolvimento infantil, das relações éticas, da educação, da identidade de gênero, da perversão, da família, da prática analítica, entre outros.

Com problemas nos vãos que o impediram de chegar a tempo, o presidente da ABP, dr. Carlos Gari Faria, não pôde realizar a Conferência de Abertura, e foi substituído pelo dr. Alírio Dantas Jr. Entre os convidados, também estavam Mônica Armesto (secretária geral da IPA, eleita), Cláudio Eizirik (presidente eleito da IPA), Leopold Nosek (representante regional da IPA) e Carlos Gari Faria (presidente da ABP). De outras instituições de Recife não filiadas à IPA, participaram Ivan Corrêa, Lúcia Menezes, Maria de Jesus Mações, Martha da Mota Silveira, Meraldo Zisman, Paulo Medeiros e Zeferino Rocha.

Além das mesas-redondas e conferências tratando sobre o tema central em seus vários aspectos, foram oferecidos três cursos durante a Jornada: "Estados

Primitivos da Mente" e "O Infantil em Psicanálise (ministrado por Alícia Lisondo, SBPSP). "A Proposição analítica: técnica e experiência do analista" (apresentado por Armando Ferrari – SBPSP/Sociedade Psicanalítica Italiana, Paolo Bucci e Fausta Romano – Centro de Formação e Pesquisa Psicanalítica de Roma) e "O Método psicanalítico: uma visão da teoria dos campos" (ministrado por Fernando Santana, SPR).

Por ser um pólo difusor da psicanálise na região nordeste do Brasil, Recife foi escolhido como um dos locais para a realização do evento preparatório ao 44º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA – Rio de Janeiro 2005, que ocorrerá em abril do próximo ano. O evento, que contará com as presenças das dras. Betty Joseph, da Inglaterra e Maria Teresa Lartigue Becerra, do México, será uma realização conjunta da SPR com os Núcleos de Aracaju, Fortaleza, Maceió e Natal, com o apoio da IPA, da FEPAL e da ABP. Paralelamente ao evento, acontece a assembléia de delegados da ABP, o que possibilitará a presença de presidentes delegados de todas as sociedades componentes da ABP no evento.

NÚCLEO DE PSICANÁLISE DE GOIÂNIA

O Núcleo de Psicanálise de Goiânia sentiu-se imensamente honrado ao receber, para uma palestra, a psicanalista Jansy Berndt de Souza Mello, no dia 26 de junho. A palestrante comentou o seminário de Lacan sobre a Carta Roubada (The Purloined Letter, 1844) de Edgar Allan Poe e teve como ouvintes e debatedores uma platéia ampla e qualificada que a aplaudiu entusiasmada. À tarde, Jansy coordenou um seminário clínico para os membros do Núcleo.

No dia 3 de julho o NPG deu prosseguimento ao seu programa "Psicanálise e Literatura", debatendo a obra de Henrik Ibsen, Casa de Bonecas. A platéia foi participativa, enriquecendo a contribuição da convidada especial profa. dra. Albertina Vicentini, da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás, que teceu comentários interessantes sobre o movimento literário iniciado pelo autor, correlacionando-o com outros autores contemporâneos.

Retomando as suas atividades neste segundo semestre, o NPG viveu dois momentos muito significativos para os seus membros, com a presen-

ça de três psicanalistas de Brasília em Goiânia.

No dia 4 de setembro, o dr. Avelino F. Machado Neto, professor e analista didata da SPB, coordenou um seminário clínico, cujo material foi apresentado pela colega Delza Maria da S. de Araújo. O evento propiciou uma discussão ampla e fértil.

No dia 11, os psicanalistas dra. Taíza de Andrade Calil Jabur e dr. Roberto Calil Jabur, membros associados da SBPSP e da SPB, apresentaram, em primeira mão, um trabalho teórico-clínico intitulado: "Querida que fôssemos desmortalis". O casal ofereceu o trabalho aos membros do NPG e também a alguns psicólogos e terapeutas que pertenceram a um grupo de estudos dirigido pela Taíza há tempos atrás com um rico e instigante estudo.

A Jornada de Psicanálise do NPG, ocorrida nos dias 22 e 23 de outubro, teve como tema 'Barbárie e identidade' e contou com as presenças da sra. Regina Lúcia Braga Mota (SPB), do dr. Roosevelt Cassorla (SBPSP), do dr. Roberto Kehdy (SBPSP), da sra. Suad Andrade (SBPRP) e da sra. Maria Cecília Andreucci (SBPSP).

NÚCLEO DE PSICANÁLISE DE MARÍLIA E REGIÃO

Dando continuidade ao curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica - uma parceria do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região com a Fundação UNIVEM -, uma visita do dr. Alceu Roberto Casseb encerrou o semestre passado. O processo de seleção para a formação de uma nova turma em 2005 já começou. As inscrições poderão ser feitas na secretaria do núcleo pelo fone (14) 3413-3307.

Ao longo do segundo semestre do ano, a comissão científica do NPMR promoveu

encontros mensais com estudantes e profissionais de diversas áreas com interesse em temas psicanalíticos. O objetivo foi despertar o interesse deste público para as contribuições da psicanálise em suas áreas de atuação. No campo das atividades culturais, o NPMR dará prosseguimento ao projeto de exibição de filmes seguidos de debates. O evento, que acontece no primeiro sábado de cada mês, é sempre coordenado por um integrante do núcleo e tem a participação de um convidado da comunidade.



Em agosto, a SBPRJ recebeu a visita de Steven Knoblauch, que apresentou as palestras "Experiências virtuais de um tipo íntimo: desejo, realidade e reparação" e "Os ritmos corporais e o inconscientes: em busca de uma expansão da atenção clínica". O evento foi realizado pela SBPRJ em parceria com a Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self - ABEPPS.

No mesmo mês, Gabriela Pszczol apresentou na SBPRJ a tese de mestrado "Norma e Irene: considerações sobre bulimia nervosa baseadas numa observação da relação mãe-bebê", realizada e defendida na Tavistok Clinic, em Londres, no ano de 2002. O trabalho foi comentado por Geny Talberg e coordenada por Jane Kezem.

No Ciclo de Debates Psicanálise e Cinema, ainda em agosto, houve a exibição do filme "Clube da Luta", com a presença de Marci Doria Passos (SBPRJ) e Rodrigo Fonseca (crítico de cinema do Jornal do Brasil) como debatedores e a coordenação de Luis Fernando Gallego. Na seqüência foram apresentados os filmes "Glória feita de sangue" (24/09), "Tolerância Zero" (27/10).

NÚCLEO PSICANALÍTICO DE CURITIBA

Com o tema "Confluências e contravérsias: uma ou várias psicanálises?", o VI Encontro Aberto de Psicanálise de Curitiba discutiu nos dias 1 e 2 de outubro os desdobramentos da psicanálise em seus mais de 100 anos de existência. O encontro, que aconteceu na sede da Associação Médica do Paraná, teve abertura realizada pelo dr. Edival Perrini, presidente do Núcleo Psicanalítico de Curitiba.

O Conselho Científico da SBPRJ realizou em setembro o Simpósio psicanálise e neurociências hoje, no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Os palestrantes foram Yussaku Soussumi, Elie Cheniaux, Eliane Volchan e Giorgio Trotto, sob a coordenação de Altamirando Matos de Andrade Jr. Nos dias 26 e 27 de novembro realizou-se o Simpósio Anual da entidade, cujo tema foi "Novas subjetividades, novos sintomas, novas patologias". O evento aconteceu na sede da SBPRJ, aberto ao público.

Curso

O Centro de Estudos Psicanalíticos da Clínica Social da SBPRJ realiza às terças-feiras, das 8 às 9:30h, o curso "Desenvolvimento emocional da criança – módulo 2 (agosto a dezembro 2004), com o tema "Em direção à autonomia". Com Geny Talberg, Joaquim Couto Rosa e Sergio Eduardo Nick na coordenação, o curso será ministrado por Anna Lúcia Melgaço, Carlos Tamm, Celmy Quilelli Corrêa, Claudia Brandão, Geny Talberg, Helena Pereira, Janete Bandarovsky, Joaquim Couto Rosa, Maria Conceição Davidovich, Maria Tereza Rocha, Paulo Bianchini e Sergio Nick.

Em seguida o dr. Antonio Sapienza proferiu a conferência inaugural. O evento também teve a participação dos analistas didatas da SBPSP Elias Mallet da Rocha Barros e Orestes Forlenza Neto.

No sábado, dia 02 e outubro, das 9 às 10:30h, houve a mesa redonda "Aspectos conceituais significativos de Freud, Klein, Bion e Winnicott", com as participações dos três convidados e a coordenação de Mauro Perei-

ra dos Santos (membro associado da SBPSP e do NPC). A segunda mesa redonda do dia foi "Discussão de um mesmo caso clínico, previamente selecionado, sob a luz das expansões teóricas de Freud a Klein, Winnicott e

Bion", com a coordenação de Lia Suzana Pugsley Hintz (membro associado da SBPSP e do NPC). A grande plenária de encerramento ocorreu às 17:30h, com a participação dos convidados e dos membros do NPC.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE RIBEIRÃO PRETO

Temos a satisfação de comunicar a composição da nova diretoria da SBPRP (prov.), eleita para o biênio 2004/2006: presidente: José Cesário Francisco Júnior; secretário: Pedro Paulo A. Ortolan; tesoureiro: Silvana

Maria B. Vassimon de Figueiredo; diretor científico: Mércia Maranhão Fagundes; diretor do Instituto: Martha Maria de Moraes Ribeiro e secretário do Instituto: Miguel Marques



Núcleo Psicanalítico de Aracaju

O Núcleo Psicanalítico de Aracaju realizou nos dias 16 e 17 de agosto, o II Encontro Ítalo-Brasileiro de Psicanálise em Aracaju, tendo como convidados o prof. Armando Bianco Ferrari (membro efetivo e didata da SBPSP, membro da Società Psicoanalitica Italiana), a dra. Fausta Romano (professora do Centro de Formação e Pesquisa Psicanalítica de Roma e Professora da Universidade Pontifícia Salesiana de Roma)

de setembro, a V Jornada de Psicanálise de Aracaju e o IV Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente.

O evento, que contou com um público de cerca de 200 pessoas, foi organizado em três conferências: Psicanálise na Atualidade (dr. Carlos Gari Faria, Presidente da ABP), A Cultura do Vazio I e II (Alicia Lisondo, SBPSP); quatro mesas redondas: A Estruturação do



Armando Ferrari, Adalberto Goulart, Paolo Bucci e Fausta Romano

Filha, Tatiana Menezes, Vanda Pimenta, José Lara, Marta Hagenbeck, Petruska Passos, Isabela Pena e Aldo Christiano.

Prosseguem as atividades do Curso de Introdução ao Pensamento Psicanalítico, coordenado por Vanda Pimenta (Candidata do NPA), oferecido a estudantes e profissionais de nível superior, assim como as atividades do II Curso de Psicoterapia Psicanalítica (para médicos e psicólogos). Em setembro, teve início o curso Seminários Clínicos de Bion, coordenado por Carlos Vieira (SBP/NPA), aberto a médicos, psicólogos e psicanalistas.

Com o objetivo de levar a Psicanálise à

comunidade leiga, o projeto Psicanálise & Cinema, uma parceria do NPA com o Espaço Cultural Yázigi Intermexus, exibiu em agosto o filme "Edifício Master", de Eduardo Coutinho. Como debatedores estiveram presentes o produtor cultural Marcelo Rangel e o psicanalista Adalberto Goulart. Em setembro, foi a vez de Morangos Silvestres, de Ingmar Bergman, que contou com as presenças de Bráulio Costa Neto (Candidato do NPA) e do psicanalista Fernando Santana (SPR/NPA).

Em abril de 2005 terão início os Seminários Teóricos da primeira turma de Formação Psicanalítica do NPA, com 15 candidatos.

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA RIO 3

A APRio 3 foi informada que o artigo "Signo, Equação Simbólica e Símbolo", do colega Waldemar Zusman, foi incluído como um capítulo do livro "Psicosomática. Aportes teórico-clínicos em el siglo XXI", uma edição da Associação Psicosomática de Buenos Aires. Os drs. Horácio Etchegoyen e Rodolfo

D'Alvia recomendam que o trabalho seja inscrito no próximo congresso de psicanálise de 2005, no Rio de Janeiro e sugerem que os drs. André Green e Ricardo Bernardi sejam convidados a discuti-lo numa mesa redonda. O livro está no prelo e deverá ser lançado em março de 2005.

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PELOTAS



A SPPel promoveu de 12 a 14 de novembro, no Hotel Sheraton de Porto Alegre, o XII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott. Estes Encontros começaram com um número pequeno de participantes, em Montevideo, por iniciativa do dr. Prego Silva, da Asociación Psicoanalítica del Uruguay, recentemente falecido. Em 1994, quando ainda era um grupo de estudos, a SPPel coordenou pela primeira vez o evento, que foi realizado na cidade de Gramado e teve mais de quatrocentos inscritos.

Este ano, a SPPel foi escolhida para coordenar a décima terceira edição do evento, e convidou a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre para participarem da comissão organizadora.

ERRATA

Na edição anterior do ABP NOTÍCIAS, na seção "Carta do Editor", onde está novo presidente da ABP, considerar novo pre-

sidente da ABC.

O dr. Victor Manoel Andrade é membro da SPRJ, e não da SBPRJ como foi noticiado.



Stela Santana (SPR/NPA), Vera Barbosa (SPR/NPM), Fernando Santana (SPR/NPA), Adalberto Goulart (SPR/NPA), Carlos Gari Faria (SPPA), Carlos Vieira (SPB/NPA) e Sheila Bastos (NPA)

e o dr. Paolo Bucci (prof. do Centro de Formação e Pesquisa Psicanalítica de Roma e ex-diretor do Departamento de Saúde Mental de Roma).

A programação científica do II Encontro teve como tema "Desarmonia corpo-mente", e foi composto de uma tarde clínica, com a apresentação e discussão de dois materiais clínicos à luz das hipóteses do prof. Ferrari, e de uma tarde teórica, que abordou, entre outros, os conceitos de objeto originário concreto, constelação edípica e configuração egóica. O próximo Encontro Ítalo-Brasileiro com o grupo de Aracaju será realizado em Roma, no primeiro semestre de 2005.

Com o tema "Órfãos do futuro: o psiquismo e a cultura do vazio", o NPA realizou, de 2 a 4

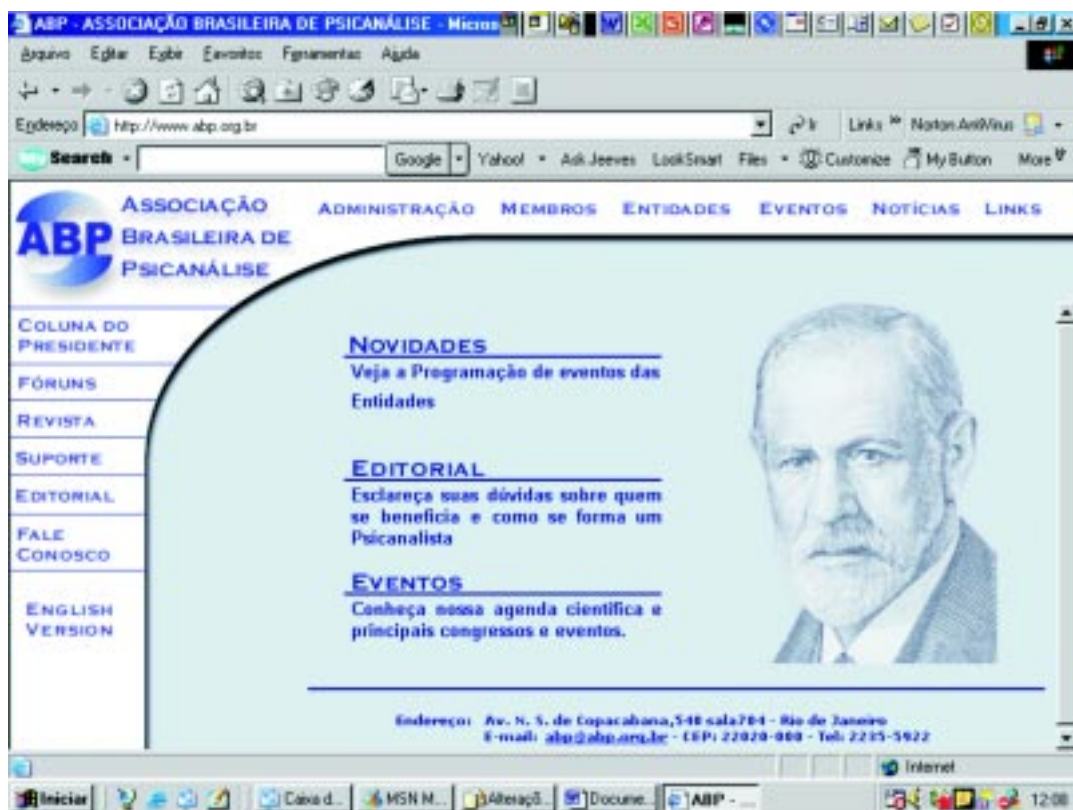
Psiquismo Humano (Fernando Santana-SPR/NPA e Adalberto Goulart-SPR/NPA), Função materna/função paterna (Letícia Neves-SBPRJ, Carlos Vieira-SPB/NPA e Stela Santana-SPR/NPA), Novas exigências para o psicanalista (Regina Mota-SPB, Vera Barbosa-SPR/NPM e Telma Barros-SPR) e Novas patologias (Eliana Helsing-SPRJ, Claudio Rossi-SBPSP, Pedro Gomes-SBPRJ); um curso de estudos sobre o psiquismo pré e perinatal (Joanna Wilhelm-SBPSP) e duas salas de temas livres (Angélica Hermínia Serôa, Bráulio Costa Neto, Sheila Bastos, Márcia Barros, Eduardo Mendonça e Marisilda Nascimento – todos Candidatos do NPA). A coordenação dos trabalhos coube aos Candidatos Maria Lúcia Cavalcanti

Pré-congresso tem chat preparatório

Os associados da ABP podem participar da discussão preparatória, através de chat, para o pré-congresso da IPA que se realizará em julho de 2005 no Rio de Janeiro. Para participar, basta se inscrever na página da ABP (www.abp.org.br) e aguardar por senha e o login.

Em reunião realizada no último dia 6 de outubro, a Comissão Internet da ABP decidiu reiterar um pedido feito em maio aos representantes locais: o de estimular a produção científica. "A idéia é fazer com que cada representante desenvolva junto aos membros de sua sociedade uma lista dos temas da produção científica, bem como a autorização em disponibilizar os trabalhos produzidos no site da ABP. Deste modo, estaremos dinamizando nosso site, divulgando nossos colegas e contribuindo para a difusão da Psicanálise", afirma a coordenadora da Comissão de Documentação, Comunicação e Internet, Rosa Reis.

Rosa também aproveitou para parabenizar a Comissão de Estudos sobre Formação Psicanalítica pela criação de seis textos para a discussão da formação no fórum do site.



Coordenador de pesquisa da ABP conquista livre docência na UNIRIO com tese em psicanálise

Theodor Lowenkron, coordenador da Comissão de Pesquisa da ABP e membro efetivo da SBPRJ, conquistou o título de livre docente em psiquiatria na UNIRIO com

média final 9,3. É a primeira vez na história da universidade que se conquista o título com tese em psicanálise. Das cinco teses apresentadas, quatro eram em psiquiatria bioló-

gica. O concurso foi constituído de cinco provas. Para se inscrever era necessário como pré-requisito aos professores candidatos o título de Doutor na área de conhecimento. A

exemplo do que vem acontecendo nas universidades públicas de São Paulo, a conquista marcou a volta do concurso de provas para este título, após 25 anos.

Agenda Científica 2005

MARÇO

Conference of the European Psychoanalytical Federation

"Interpretation and Construction in Psychoanalysis"

17-20 March – Villamoura, Algarve, Portugal
conference@epf-eu.org

COWAP

2nd European Conference on Incest

21-22 March – Lisbon, Portugal
rhossyn@ipa.org.uk

ABRIL

Evento Preparatório para o 44^o. IPAC

15 e 16 de abril – Recife – PE
sprsecretaria@uol.com.br

XXI Congreso Argentino de Psiquiatria

21-24 April
Mar del Plata
rhossyn@ipa.org.uk

MAIO

Third International Symposium Psychoanalysis and Art

"The Body Image in Psychoanalysis and Art"
6-8 May – Florence – Italy
congressi@scaramuzziteam.com
www.scaramuzziteam.com

65^{ème} Congrès des Psychanalystes de Langue Française

5-8 May
Paris – France

JUNHO

Wilfred Bion Today

10-12 June – London – England
www.psychol.ucl.ac.uk/psychoanalysis/bion.htm

JULHO

IX Congreso Peruano de Psicoanálisis

"Psicoanálisis: Proceso y Transformacion"
15-17 Julio – Sociedad Peruana de Psicoanálisis
spsico@infonegocio.net.pe

18th IPSO Congress

"Trauma: New Developments in Psychoanalysis"
27-31 July – Rio de Janeiro – RJ
www.ipso-candidates.org

44th IPA Congress

"Trauma: New Developments in Psychoanalysis"

28-31 July – Rio de Janeiro – RJ
www.ipa.org.uk

SETEMBRO

VI Jornada de Psicanálise de Aracaju

V Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente

22-24 de setembro – Aracaju – SE
Núcleo Psicanalítico de Aracaju
psicanalise.aju@uol.com.br

NOVEMBRO

XX Congresso Brasileiro de Psicanálise

"Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade"

11-14 de novembro – Brasília – DF
www.abp.org.br

“O Espelho”

e associações com um caso clínico

Oswaldo José de Freitas Milward*

Doutor, o senhor é mau comigo.

-Porque Carlos?

- O senhor não está olhando para mim.”

(Breve diálogo de um paciente internado na Colônia Juliano Moreira)

“É na soma do seu olhar que eu vou me conhecer inteiro”

Chico Buarque de Hollanda

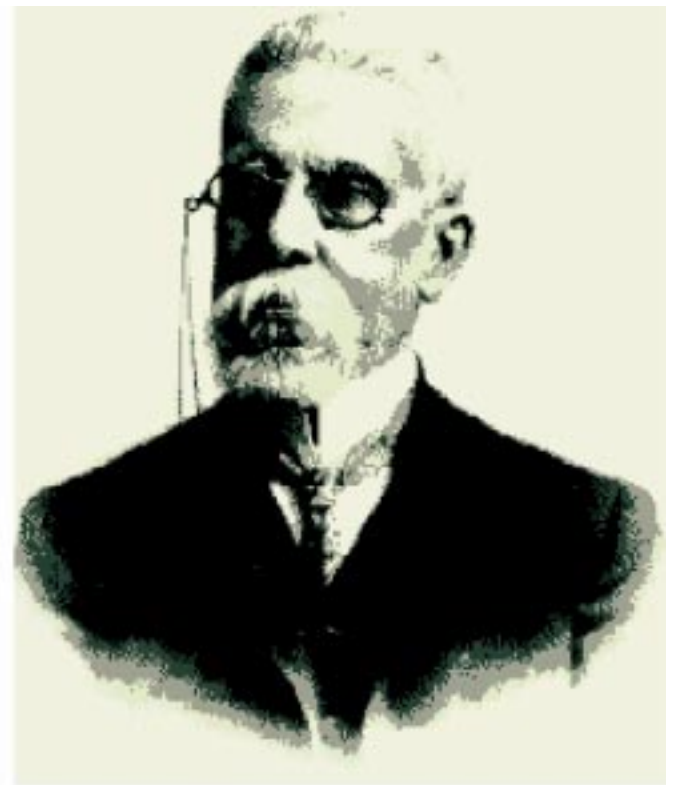
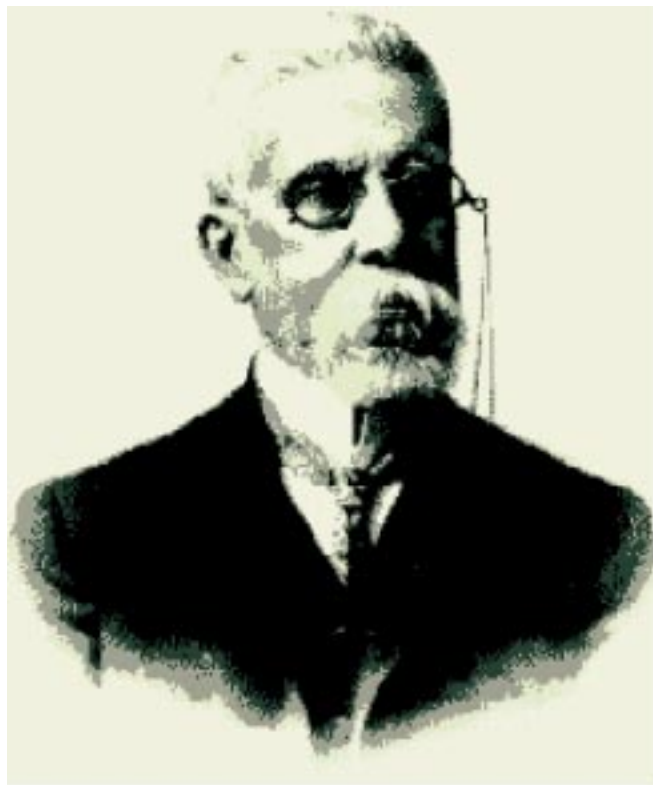
O conto e considerações

“Esboço de uma nova teoria da alma humana” é o subtítulo de um extraordinário conto de Machado de Assis cujo título é “O Espelho”. Ao lê-lo, cada linha me fascinava e percebi de imediato que este nosso escritor foi um precursor da psicanálise. Em uma época em que não havia nem mesmo um esboço da psicanálise, um conto como este era criado.

Considero-o uma leitura essencial para todos os interessados em compreender a complexidade humana. Resumir este conto seria reduzir a beleza e a força de uma obra de arte. Por isso, ao recontar esta estória, tentarei comentá-la à luz da psicanálise.

Logo no início de “O Espelho”, o narrador e também protagonista Jacobina refere que cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. A alma exterior, diz ele, pode ser um espírito fluido, um homem, muitos homens, um objeto. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida como a primeira; as duas completam o homem que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência, e casos há, não raros, em que a perda da alma externa implica a da alma interna.

Jacobina, ao tornar-se alferes da guarda nacional, vai visitar uma de suas tias, D. Marcolina, que reside em um sítio “escuro e solitário”. Esta lhe trata “a pão de ló” e passa a chamá-lo de “senhor alferes”. Como ela, os escravos e o cunhado também passaram a assim chamá-lo. À mesa, ele era o primeiro a ser servido e ficava com o melhor lugar. O entusiasmo da tia chegou então ao ponto de mandar pôr em seu quarto um grande espelho: “obra rica e



magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples”, “espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe”.

Ao fim de algumas semanas Jacobina passou a se sentir “O alferes”. Um determinado dia, no entanto, tia Marcolina recebeu uma notícia – uma de suas filhas, casada com um lavrador, residente dali a cinco léguas, estava doente. Como mãe extremosa deu adeus ao sobrinho: “Adeus, sobrinho! Adeus, alferes!” Ela e o cunhado se ausentaram.

Opressão e dominação

Diz o narrador e protagonista Jacobina: “Confesso-lhes que desde logo senti grande opressão... Era a alma externa que se reduzia... O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil”. Os escravos, embora tenham continuado a tratá-lo

como “Nhô Alferes”, aproveitaram a ausência de Dona Marcolina e fugiram todos.

Jacobina se viu só – “Nenhum fôlego humano, nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? Era pior”. Diz ele: “Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram tão compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cujo pêndulo, tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior. ...Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: Never, for ever! – For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: Never, for ever! – For ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada”. “Tinha uma sensação inexplicável”.

“O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por ou-

tra. Acho que posso explicar assim este fenômeno: o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior... Nos sonhos fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes... tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso... Nada, coisa nenhuma... Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito... Na verdade, era de enlouquecer”.

Conta ainda o narrador e protagonista Jacobina: “Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho”. Ao fim de oito dias resolveu olhar para o espelho e relata: “O próprio vidro parecia conjurado com

o resto do universo, não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra... tive medo... receei ficar mais tempo, e enlouquecer... levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive um pensamento", diz Jacobina. Lembrou-se de vestir a farda de alferes.

Diz ele: "Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno disperso; era eu mesmo, o alferes, que achava enfim a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está, uma cadeira, ali um sofá... Olhava para o espelho, ia de um lado para o outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regimen, pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir..."

Fragilidade e proteção

Penso ser nítida a fragilidade do personagem Jacobina, que precisava de algo externo que o mantivesse vivo – a farda, a identidade de alferes. Como uma armadura, uma segunda pele, a farda o protegia, protegia aquele vago conteúdo. A vida ainda não lhe tinha dado seus verdadeiros contornos. Precisava, assim, de um falso contorno (um falso self) para se manter vivo. Hegel nos diz que a consciência de si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma outra, quer dizer, só é como algo reconhecido. Jacobina precisava deste reconhecimento para se reconhecer.

A mãe, representada pela tia de Jacobina nesta estória, tem uma função semelhante à do psicanalista, que é a de ajudar o outro a criar os contornos verdadeiros de uma personalidade. Como diz a música "Tanto amar", de Chico Buarque: "É na soma do seu olhar que eu vou me conhecer inteiro". É com o

outro e através do outro que vamos nos co-nhecendo. É o verdadeiro encontro com o outro que cria e estrutura um verdadeiro self. Freud "precisou" de Fliess, seu alter ego, para fazer sua análise pessoal. Jacobina precisava da mãe-tia como ego auxiliar na trajetória do sentir-se vivo. Na ausência deste, a farda foi o recurso, a salvação. A farda, a identidade alferes tão valorizada por sua tia, foi sua "salvação" nos dias de solidão.

Crescimento

Quando Jacobina refere que com o regimen por ele criado de ficar algumas horas por dia, fardado, diante do espelho, pôde atravessar os dias de solidão sem os sentir, mostra o quanto precisava da tia, do cunhado e dos escravos. Era a relação com eles que lhe conferia uma identidade, um esboço que fosse, para se manter vivo e aos poucos, quem sabe, crescer. Crescer, num processo, no contato com pessoas que pudessem favorecer tal crescimento, valorizando-o, elevando sua auto-estima, servindo-lhe de espelho. Um espelho ele poderia aos poucos ver refletida a sua verdadeira imagem.

A alma externa a que Machado de Assis se refere, dizendo que a perda desta pode implicar a perda da alma inteira, é uma referência ao grande risco que o ser humano, frágil no início da vida e necessitado do outro, corre caso este outro não compreenda suas mínimas necessidades. Machado nos fala claramente sobre a ausência: aquele que nunca mais vai voltar. Never, for ever! For ever, never! A mãe com sua ausência, o quanto é vivido como "o nunca mais". O sono, quando vem, é sentido e vivido como aconchego, realização do desejo, alucinação, alucinando o tão desejado e o conforto resultante. Nos sonhos, Jacobina se reintegrava, com os amigos, com a família e consigo mesmo. Com a persistência da ausência da mãe-tia, não teve outro jeito, recorreu o personagem ao espelho, ao objeto transicional, substitutivo, representante daquela relação que lhe conferia existência, contornos, aconchego. O objeto-espelho mostrou-lhe contornos imprecisos dando-lhe angústia. Recorre então à farda, esta lhe confere os contornos.

O encontro da alma

O narrador, que é ao mesmo tempo o personagem protagonista da estória, é um personagem algo arredo. Teria ele "resolvido" suas questões tão primitivas? Suas angústias tão primitivas? É provável que não. A última frase do conto é: "Quando os outros voltaram a si (os que escutavam o relato), o narrador tinha descido as escadas". Homem de difícil contato, penso eu. Jacobina, o narrador, não queria conversar, discutir, acha-

va "perigoso", inócuo. Seria o medo de estar com o outro, com o espelho, sem a farda? Medo de, ao contato com o outro, assim como no espelho, se sentir sem contornos? Daí, sai ..., desce a escada, se esquivava.

A ação, a narrativa de Jacobina, se passa em Santa Tereza, na sala de uma casa, o que me remete a um setting analítico, em que pessoas se encontram para falar, analisar, contar, associar. A ação contada, que se passa num sítio "escuro e solitário"; me parece a "cena interna", com suas angústias, seus temores, suas expressões muitas vezes inomináveis. É na solidão que vão se processar as descobertas do personagem.

O descobrimento

É difícil suportar o desconhecimento, o escuro, o não saber, até que aquilo que estava fragmentado e disforme assumia uma forma reconhecível. Daí a tendência à precipitação, ao uso da farda, à "falsa" interpretação, para dar logo uma forma ao fragmentado. Por isso, a mentira muitas vezes se impõe. A verdade está em suportar as dificuldades para que então possa surgir a forma exata, a "alma interior" a que se refere Machado de Assis. A psicanálise trava uma constante luta contra a mentira e o desconhecimento no analisando (e também no analista), devido às dificuldades de suportar a verdade a respeito de si e também do mundo externo.

Podemos pensar também nos intervalos entre as sessões, no período de férias do analista. Que repercussões há em nossos pacientes, como reagem, como lidam com as ausências. Enfim, como viver a ausência quando ainda não se está minimamente integrado em si a função analista, a função mãe, a função do autocuidar-se, quando o outro ainda é vivido como algo imprescindível?

Segundo Edna Vilete: "Ao se surpreender com cada gesto, trejeito ou expressão facial do bebê, ela (a mãe) se oferece como seu primeiro espelho, permitindo que ele se descubra e se reconheça como um ser único e singular. Os gestos espontâneos de um bebê e seu ingresso criativo no mundo se realizam, portanto, na presença de uma mãe, de um pai, de um ambiente que favoreça o seu desabrochar".

É o encontro da "alma" que olha de fora para dentro e da "alma" que olha de dentro para fora, o que facilita o crescimento. A mãe que olha o bebê, metaboliza suas vivências e lhas devolve de forma que possa este integrá-las a si de forma menos ameaçadora. Há casos, como diz Machado de Assis, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa. Um botão, aquele botão que o bebê, por exemplo, mexe e remexe, como um bico de seio; aquela pontinha da farda. Diz Machado claramente que o ofício desta "alma externa" é "transmitir a

vida como a primeira ("alma interna"); as duas completam o homem".

Para finalizar, Machado de Assis, em minha opinião, na escolha do título e subtítulo de seu conto: "O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana" não poderia ter sido mais feliz. Sem ser pretensioso, poderia muito bem ter colocado como subtítulo: "esboço da psicanálise" (termo que, no entanto, ainda não existia). Vasculhando os meandros do seu ser, Machado criou uma belíssima estória que reflete, como um espelho, os aspectos mais primitivos da "alma" humana: a relação mãe-bebê, a formação do self, suas vicissitudes e defesas. Obrigado Machado de Assis.

Citando Freud (1906-7, p.50): "Dizem que um autor deveria evitar qualquer contato com a psiquiatria e deixar aos médicos a descrição de estados mentais patológicos. A verdade, porém, é que o escritor verdadeiramente criativo jamais obedece a essa injunção. A descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica".

Um caso clínico

Um de meus pacientes ilustra muito bem o conto "O Espelho", de Machado de Assis. Ele vive há décadas na Colônia Juliano Moreira, hoje Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Quando o conheci, e durante muitos anos, Carlos (por motivos éticos, estou usando um nome fictício) apresentava pensamento dissociado e sua atitude para consigo refletia tal estado mental. Descalço, com roupas em desalinho, se expressa com palavras ou frases soltas, desconexas.

Após período de grande rejeição a mim, passou ele espontaneamente a se aproximar, ficando geralmente em pé ao meu lado, ao lado da mesa em que costumo trabalhar. Certo dia, porém, ele passou a olhar o jornal que ficava sobre a minha mesa e começou a comentar as notícias. Notei que Carlos sabia ler fluentemente. Suas aproximações pareciam uma busca de tratamento pois, com passar do tempo, começou a expressar sentimentos a seu respeito verbalizando literalmente: "estou louco, estou louco". Exaltava-se constantemente e pude presenciar episódios de grande agitação psicomotora durante os quais dizia estar sendo "comido", que estavam "tirando" seu "cérebro" e seus "intestinos". Embora ele estivesse sendo medicado com neurolépticos, tínhamos a impressão de que a medicação pouco surtia efeito.

Suas atitudes para comigo, seus contatos comigo, se baseavam no estar ao lado da mesa, me olhando, ou fazendo observações sobre as notícias do jornal. Aos poucos, tornando como recurso o jornal que parecia servir de elo à nossa relação, passei a ler com ele as notícias do dia. Carlos identificava

projetivamente de forma maciça nas figuras do jornal a sua pessoa e a de seus familiares. Fomos, então, tomando, também, contato com sua história de vida. Tentávamos integrar aspectos de sua vida pessoal com o objetivo de buscar uma maior coesão em seu self tão espalhado, fragmentado. A partir daí, Carlos passou a alternar períodos de agitação e períodos de mais tranquilidade. A dissociação persistia, no entanto menos intensa.

Sempre que entro de férias e mesmo no último dia de minha semana de trabalho procuro dar-lhe um "até a volta", até "tal" dia, mostrando que um retorno ocorrerá. Soube através da enfermagem que Carlos, por vezes, nos fins de semana e nos períodos de férias, pergunta por mim e é esclarecido sobre o motivo da minha ausência e o dia do meu retorno.

Até há poucas semanas, Carlos pouco participava do grupo terapêutico semanal com os pacientes da "casa" onde reside. Na verdade, participava a sua maneira. Ficava de pé, às vezes andando para lá e para cá, por vezes gritava, se exaltava, ou tratava mal os demais. Notei também, como ainda ocorre, que Carlos pouco sai da casa onde mora, no interior do IMASJM. Vai à varanda, volta para seu quarto, fica na sala. Parece encontrar neste espaço físico os contornos, o continente que um dia lhe faltaram.

Delírios

Carlos era, e ainda é, uma figura sem contornos precisos. Seu contato comigo visava a criar uma continuidade em seu self, continuidade esta que, por vivências talvez muito primitivas, não foi constituída. A descontinuidade predominava e seu discurso evidenciava isto: suas vivências delirantes de um corpo despedaçado, dilacerado, esgarçado, vulnerável, invadido, eram uma constante.

Não sei bem o que fazia em minha ausência e na ausência da equipe que lhe reconhecia como pessoa. Talvez o cigarro o mantivesse "inteiro", tapando uma falta, um buraco, como um seio alucinado que dá aconchego. Carlos fumava muito.

Nos últimos tempos, no entanto, parece que algo começa a se esboçar. Carlos me cumprimenta ao me encontrar, estende por vezes a mão e me pergunta: "quais as novidades?", referindo-se ao jornal, às notícias. Tem conseguido participar mais dos grupos e em um recente encontro disse: "estou nascendo", dando um riso. Respondi que ele parecia querer dizer que realmente estava melhorando e mostrei o quão "diferente" estava – antes inquieto, sem conseguir se manter sentado, agora podendo sentar e esboçar idéias. No contato individual, Carlos também tem

conseguido permanecer sentado e tem fumado menos. Eventualmente, atende o telefone da minha sala e responde, tentando escutar e entender o que lhe é dito do outro lado da linha. Noto também tal atitude para comigo, uma vez que ele tem procurado me escutar e tem falado de forma mais coerente.

Foi justo recentemente que, ao não se sentir "olhado" por mim, fez o seguinte comentário: "Doutor, o senhor é mau comigo", "O senhor não está olhando para mim". Apesar da atenção que lhe prestava, Carlos mostrava o quanto precisava do "olhar" do outro para poder se reconhecer como um ser vivo.

Acredito que pulsões de vida muito intensas o tenham mantido vivo durante todos estes anos em que está internado, uma vez que as condições da Colônia Juliano Moreira até bem pouco tempo não eram nada favoráveis (grande número de pacientes, poucos funcionários, precárias condições de higiene). Foi sua vontade de se tratar que o aproximou de mim.

Continuidade

Nascer para Carlos parece estar sendo o sentimento de continuidade do self, algo que talvez só agora ele esteja começando a experimentar. Tal estado só está sendo possível, penso eu, em função da continuidade do atendimento,

que foi "adaptado" ao seu quadro psíquico. O interesse mútuo em dar prosseguimento ao tratamento, a tolerância à frustração, o estar em uma situação terapêutica sem expectativa, apenas com a vontade de estar e prosseguir, parece-me que tudo isso favoreceu e está favorecendo a razoável evolução deste caso.

Ao ler "O Espelho", conto de Machado de Assis, pensei muito em Carlos, assim como em vários outros pacientes que, de alguma forma, "se assemelham". Pessoas com um self esgarçado, em que vivências muito perturbadoras passam a vigorar. É preciso também administrar a angústia e ansiedade dos demais componentes da equipe, que muitas vezes querem ver a melhora rápida de casos em que se faz necessário um longo tempo de acompanhamento. Se esta tolerância ocorre, podemos colher bons frutos; caso isto não ocorra, não há sequer amadurecimento e os frutos secam, caem mortos. Assim, todo cuidado é necessário para que a existência de determinadas pessoas possa vingar, aparecer. Nossa atitude, continente das angústias e vivências de nossos pacientes, e nossa conduta adequada constituem este espelho que poderá favorecer o reflexo de uma real e verdadeira imagem.

* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

Livro sobre Freud e judaísmo leva Prêmio Jabuti



Olympia França (SBPSP), organizadora de "Freud: a cultura judaica e a modernidade". O livro também teve o mérito de incluir a Psi-

canálise como categoria a ser premiada anualmente. Antes apenas Educação e Psicologia, agora acrescido de Psicanálise.

Maria Olympia disse em entrevista ao diretor de Publicação e Divulgação da ABP dr. Adalberto Goulart "que o sucesso é sempre fruto de um trabalho em equipe". A exposição "Freud e Judaísmo" realizada em São Paulo e Rio em 2000 e 2001 gerou um ciclo de conferências comandados por Olívio Tavares de Araújo (responsável pela curadoria geral) e Alberto Dines

(curadoria científica). A exposição foi organizada por Leopold Nosek e Maria Olympia com a participação de Chulamit Terepins, Cristina Kurkdjian, Eva Teperman, Joana de Carvalho França, Léa Bigliani, Maria Celina e Suely Gevertz.

Outras exposições, "Freud, conflito e cultura" e a Mostra "Freud e Judaísmo" também foram organizadas e idealizadas por Leopold Nosek. O convite para a participação de Maria Olympia veio de Leopold, a quem ela atribui "uma luta e entusiasmo" para a realização do livro, além da "ajuda inestimável" dos

curadores científicos Alberto Dines e Guillermo Bigliani, grandes colaboradores da obra assinada pela Editora Senac.

Livro: "Freud: a cultura judaica e a modernidade"

Editora: Senac

Organizadora: Maria Olympia A. F. França
Autores: Alberto Dines, Betty Bernardo Fuks, Celso Lafer, Francisco Moreno de Carvalho, Guillermo Bigliani, Jacó Guinsburg, Leopold Nosek, Marilena Chauí, Renato Mezan, Santiago Kovadloff, Sergio Rouanet.

Entidades do Brasil e do Uruguai promovem evento para debater formação analítica

No último dia 15 de setembro de 2004, realizou-se a primeira atividade científica dos ENCONTROS DE INSTITUTOS PARA DEBATE DA FORMAÇÃO ANALÍTICA, reunindo a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e a Asociación Psicoanalítica Del

Uruguay. Naquela data, uma mesa-redonda em Porto Alegre, discutiu o trabalho da Dra. Myrta Casas Perede, intitulado "Reflexões sobre a frequência de sessões na prática analítica". Participaram da mesa-redonda, que teve a coordenação do Dr. Newton Aronis, os Drs. Nilde Franch, Gley Costa e Clara Uriarte, dire-

tores dos institutos da SBPSP, da SBPdePA e da APU, respectivamente.

Na seqüência, serão debatidos, entre outros, os seguintes temas: seleção de candidatos, supervisão e programa teórico de ensino, encontrando-se previsto um encontro para discutir o trabalho do Prof. David A. Tuckett, intitulado "Qualquer coisa ser-

ve? Em busca de um quadro de referência para uma avaliação mais transparente de competência psicanalítica".

Através deste intercâmbio, as sociedades participantes esperam aprimorar seus institutos e dar uma contribuição à questão básica da clínica que é a transmissão da psicanálise.